

dm

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

2014

Anno LXI Mensile
n. 09/10 Settembre/Ottobre

Poste Italiane SpA
Spedizione in Abbonamento
Postale
D.L. 353/2003
(conv. in L. 27/02/2004 n° 46)
art.1, comma 2 - DCB Roma

PALAVRAS E GESTOS DE APROXIMAÇÃO

dma

Revista das Filhas de Maria Auxiliadora
Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma
tel. 06/87.274.1 • fax 06/87.13.23.06
e-mail: dmariv2@cgfma.org

Diretora responsável

Mariagrazia Curti

Redação

Giuseppina Teruggi

Anna Rita Cristaino

Colaboradoras

Tonny Aldana • Julia Arciniegas

Patrizia Bertagnini • Mara Borsi

Carla Castellino • Piera Cavaglià

Maria Antonia Chinello

Emilia Di Massimo • Dora Eylenstein

Maria Pia Giudici • Gabriella Imperatore • Palma Lionetti

Anna Mariani • Adriana Nepi

Maria Perentaler • Loli Ruiz Perez

Debbie Ponsaran

Maria Rossi • Bernadette Sangma

Martha Séide

Tradutoras

francês • Anne Marie Baud

japonês • inspetoria japonesa

inglês • Louise Passero

polonês • Janina Stankiewicz

português • Maria Aparecida Nunes

espanhol • Amparo Contreras Alvarez

alemão • inspetorias Áustria - Alemanha

EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL

Instituto Internacional Maria Auxiliadora

Via Ateneo Salesiano 81, 00139 Roma

c.c.p. 47272000

Reg. Trib. Di Roma n. 13125 de 16-1-1970

Sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c,

lei 662/96 Filial de Roma

n. 9/10 setembro-outubro de 2014

Tip. Instituto Salesiano Pio XI

Via Umbertide 11 00181 Roma

USPI

ASSOCIADA

UNIÃO IMPRENSA PERIÓDICA ITALIANA

Edição em Português



SUMÁRIO

- 04 **Editorial** *Proximidade*
Giuseppina Teruggi
- 05 **Dossiê** *Palavras e gestos de aproximação*

Primeiro plano

- 10 **Espiritualidade Missionária** *Quando são frágeis, então são fortes*
- 11 **Alma e direito** *As crianças devem ser respeitadas!*
- 13 **Cultura ecológica** *À escuta da criação*
- 14 **Fio de Ariadne** *Quem ainda sonha?*



Em busca

- 18 **EJS- Culturas** *Radicalidade e Responsabilidade*
- 19 **Pastoralmente** *No coração da Palavra*
- 21 **Um olhar sobre o mundo** *Ñande Roga. A nossa casa*



Comunicar

- 23 **Faz-se para dizer** *Hospedar*
- 24 **Mulheres no contexto** *Uma vida a serviço dos últimos*
- 26 **Vídeo** *Belle & Sebastien*
- 27 **Livro** *História de uma ladra de livros*
- 29 **Música e teatro** *Teatro educativo e tradição salesiana*
- 31 **Camilla** *Conselhos grátis*





Proximidade

Giuseppina Teruggi

A reflexão proposta neste ano pela Revista sobre *palavras e gestos* do Papa Francisco, no presente número evidencia um dos seus traços característicos, que as pessoas de cada fé e cultura colheram imediatamente: a *proximidade*, a extraordinária capacidade de fazer-se sentir próximo de cada pessoa.

É incalculável o número dos que percebem no Papa Francisco uma presença amiga e o consideram quase como um familiar: desejam aproximar-se dele, escutá-lo, encontrá-lo mesmo por um momento, como demonstra a pontualidade dominical para o *Angelus*.

É uma experiência profunda que toca particularmente os simples, os pobres, as pessoas que vêm das “periferias”.

O Capítulo Geral, que se celebra nestes meses, convida as participantes convocadas em Roma, e todo o Instituto, a partir exatamente desta dimensão da experiência humana, espaço de intimidade e proximidade.

No *Instrumento de trabalho (IT)* que guia o percurso capitular, um dos aspectos de fundo propostos parte de uma ótica: “Da periferia, a esperança”.

A periferia, não só lugar geográfico, mas, sobretudo existencial, onde se vivem as experiências humanas profundas da dor, da injustiça, da ignorância e indiferença religiosa, de toda forma de limite, também do pensamento.

Como na experiência de Dom Bosco e de Madre Mazzarello, as nossas comunidades também, de modos diversos e complementares,

estão inseridas nas periferias geográficas e existenciais: lá é possível ouvir o grito, sentir a aspiração à esperança e à alegria, *permanecendo entre as pessoas*, nos pátios e nas aulas com os alunos, com os jovens nas cidades ou nas ‘superestradas do mundo digital’, com as jovens mulheres, em todos os lugares onde se constrói a cidadania evangélica (cf *IT* nn 8.17).

São as periferias que se tornam espaços privilegiados de evangelização!

O dossiê do DMA, retomando esta mesma acepção, observa que os marginalizados, os *inúteis*, aqueles que *não produzem*, mas requerem atenção, cuidado, acolhida, que são deixados de lado – jovens e anciãos, migrantes e enfermos, minorias e instáveis – pagam todos os dias e por um preço alto o direito à própria dignidade. “São eles as colunas secretas do mundo e da história!”.

Que caminhos nós sabemos percorrer para colocar-nos ao lado dos últimos e viver a *proximidade* em nossas comunidades?

Que atitudes para não ‘descartar’ ou ser indiferentes, também nos nossos ambientes? Que caminho para que a nossa vida e a das nossas comunidades seja um Evangelho vivo?

Sob estas provocações sempre somos desafiados a interrogar-nos e, sobretudo, a medir a nossa coerência e o nosso testemunho nas escolhas de cada dia.

gteruggi@cgfma.org



Palavras e gestos de proximidade

Maria Antonia Chinello

O Papa Francisco com o seu modo de ser e de agir, encheu a nossa vida, a da Igreja, do mundo. Dele se tem escrito e falado. A sua mensagem, ao mesmo tempo simples e exigente, suave e perturbadora, confundiu mais de um parâmetro, colocou em discussão mais de uma consciência, desmascarou mais de um bem-pensar e bem-fazer.

O Papa Francisco publicou uma Encíclica e uma Exortação apostólica, enviou cartas, pronunciou mensagens; fez discursos, presidiu celebrações litúrgicas.

Sobretudo, escreveu, dia após dia, a encíclica dos gestos, com o tempo dilatado pelas audiências; com um estilo novo de visita pastoral às paróquias; com a bênção aos doentes, a escuta dos migrantes e a carícia às crianças, apertando mãos e abraçando os pobres, posando para um *selfie com os mais jovens...*

O que diz pode-se ler naquilo que faz.

Palavras como misericórdia e perdão, traduzem-se em gestos de ternura e de proximidade.

É anacrônico falar sobre isso agora?

Francisco relança a Igreja da ternura, convidando todos, indistintamente, a serem testemunhas da “bondade de Deus” e do “seu amor pelos homens” (Tt 3,4), a anunciarem a novidade explosiva do Evangelho em todo tempo e lugar.

Um estilo de vida sóbrio, que traz em si os vestígios da mão de Deus, que se exprime na relação com o outro, na alegria do estar juntos, no calor dos gestos cotidianos, na compaixão, na paciência e, sobretudo no amor incondicional, porquanto: « A alegria do Evangelho é para todo o povo e não pode excluir ninguém. Assim anuncia o anjo aos pastores de Belém: “Não temais, eu vos anuncio uma grande alegria que será para todo o povo” (Lc 2, 10) » (EG 23).

O primeiro passo para se viver a experiência humana da proximidade, dizer palavras e fazer gestos de aproximação e de encontro é entrar na discussão, mais precisamente, é deixar-se questionar pelos eventos, pelos fatos que acontecem, pelas palavras e gestos que se escutam e se observam, pelas pessoas

com que se cruza: deixar-se atingir e eventualmente ferir, caso contrário a vida seria um “viver a esmo” dentro de uma concha, e não mudaria jamais. Requer disponibilidade, consciência de si e dos outros, não acreditar já saber tudo, não presumir que está com a razão em tudo e que traz no bolso uma solução para tudo.

Construir moinhos de vento

Sensibilizar-nos com os últimos e com os distantes e sintonizar-nos colocando-nos na pele deles, nem sempre é fácil. Corre-se o risco de categorizar, de buscar critérios que possam facilmente fornecer caminhos de fuga, chaves para equacionar e, assim, ordenar ideias, perspectivas, abordagens, processos e projetos.

A experiência de vida, poucos e muitos que sejam os anos da nossa vida, nos diz claramente que “assim” não funciona.

A vida não é branco e preto, mas mil esfumaduras coloridas.

Sem diminuir os valores, é tempo de acompanhar com misericórdia e paciência as etapas de crescimento das pessoas.

Um pequeno passo, em meio a grandes limites humanos, pode ser mais agradável a Deus do que uma vida formalmente correta, irrepreensível, que passa seus dias sem enfrentar dificuldades, também importantes, sem empenhar-se em gerir relações, sem afastar-se sequer um milímetro das próprias opiniões, sem esforçar-se para se colocar “na pele do outro” e abrir-se ao diálogo, sem deixar lugar à surpresa e ao estupor, ao novo.

Um provérbio chinês diz: «Quando sopra o vento da mudança, alguns constroem muros, outros moinhos de vento».

Mais ao sul do Sul

No mundo, 16% da população não sabem nem ler nem escrever. Contam-se 776 milhões de analfabetos, dos quais 67 milhões são crianças, sobretudo meninas entre 5 e 9 anos.

Cento e cinquenta milhões de crianças entre 5 e 14 anos anualmente abandonam a escola.

Uma mulher sobre três no mundo é vítima de violência por parte do parceiro ou de violências sexuais feitas por outros.

58,8% dos homicídios ocorrem pela mão de maridos, noivos ou companheiros.

Nos países com rendas elevadas registram-se taxas altas de assassinatos de mulheres.

Anualmente centenas de milhares de mulheres e jovens são compradas e vendidas como prostitutas ou mantidas como escravas sexuais.

A violência sobre os menores é um fenômeno invisível e impune: são 223 milhões - 2/3 dos quais são meninas e moças - o número de vítimas de abusos sexuais no mundo.

Anualmente, entre 133 e 275 milhões de crianças são testemunhas de episódios comportamentais violentos entre os próprios pais.

Milhares de moços e moças são recrutados nas forças armadas do governo e nos grupos rebeldes.

Cento e cinquenta milhões de crianças de 5 a 14 anos estão empregadas no trabalho infantil.

Alguns dos conflitos que hoje se vivem no mundo, em zonas da África, do Oriente Médio ou da Ásia revelam a tentativa de dar justificativa religiosa à violência: o fundamentalismo e o terrorismo contaminam a religião ao ponto de considerá-la não mais instrumento de paz, mas de morte...

O elenco poderia continuar.

É suficiente digitar uma palavra para que o Google comece a pesquisa e, no giro de poucos segundos, apresente milhares de páginas com as cifras dos distantes, dos últimos, dos esquecidos. O assim chamado “sul do mundo”.

Frequentemente, para-se por aqui. Mais difícil de fato é dar o passo seguinte, para além da visibilidade dos movimentos sociais e políticos, das denúncias, das sensibilizações que, caso contrário, arriscaria ficar à margem dos discursos e dos lugares de decisão.

Até que ponto estas “campanhas” solicitam arregaçar as mangas para agir no próprio território em defesa dos mais pobres e dos últimos, e pela sua promoção?

Não pode acontecer que, sentando-nos diante do nosso computador para *twitter*, para postar mensagens e responder, nós nos sintamos fazendo parte de um mundo mais amplo com o qual nos relacionamos; enfatizemos e forcemos as ideias de que “estou no ar” e então tudo termine ali?

Os “inúteis”, o Sul do Sul, que não produzem, mas requerem atenção, cuidado, acolhida, proximidade, cujo número cresce vertiginosamente, que são deixados de lado, descartados – jovens e anciãos, migrantes e enfermos, minorias e instáveis – pagam todos os dias, e por um preço alto, o direito à própria dignidade. São eles as colunas secretas do mundo e

da nossa história: não escutá-los, não se fazer próximos deles significa cavar uma “tumba para nela enterrar a pergunta do homem e a resposta de Deus”.

Vítimas da «globalização da indiferença» ou da «cultura do descarte» eles nos sacodem para repensarmos, em concreto, o que deve mudar em nossa vida pessoal e social, para desmascarar as novas incoerências e agir, porque a palavra é algo mais do que um simples instrumento que põe em relação.

Freire dizia que ela é ação e reflexão: « Não existe palavra autêntica que não seja praxe. Portanto, pronunciar a palavra autêntica significa transformar o mundo ».

Um convite a repensar, para nós, educadoras, a respeito da linguagem muitas vezes fechada, enfática, retórica, autorreferencial, que visa à autodefesa, afasta em vez de aproximar, fecha em vez de abrir; a respeito dos gestos que dificilmente chegam à concretização do ato de se responsabilizar pela outra/o, de colocar-se próximo atenciosamente e até mesmo de “tomá-lo nos braços”, misturar-se, encontrar-se, apoiar-se, participar para transformar os momentos em verdadeiras experiências de fraternidade... Nisso desaparece talvez uma das fadigas para “dizer” Deus hoje, para “ser” sinal credível do seu amor: hoje, escuta-se e se compreende imediatamente aquilo que chega e aquece o coração, atrai a atenção e abre a consciência.

Não devemos ter medo da ternura, que é a própria ternura de Deus, sua misericórdia sem fim, o seu jeito de ir ao encontro de todos. Ternura não é fraqueza, mas sim coragem do encontro, mesmo quando este é difícil; é atenção e respeito, verdadeira abertura ao outro e capacidade de cuidar dele; é uma “força revolucionária” que tem a sua essência na abordagem de quem está próximo, qualquer que seja a sua condição, mesmo se isto complica a vida e faz correr o risco de se sujar com o barro da estrada. Madeleine Delbrêl perguntava: « Meu Deus, se tu estás em toda parte, por que tão frequentemente estou em outro lugar? ».

Em Mornese e em Valdocco

Vizinhaça e proximidade são duas palavras que em Valdocco e Mornese eram conjugadas e traduzidas no cotidiano.

Maria Domingas nunca escreveu sobre a ternura, mas dia após dia viveu, intensamente, a vizinhaça e a proximidade. Giampiero Forcesi, Maria Pia Giudici e Mara Borsi escrevem que em Mornese a pobreza era absoluta. Provavelmente era esta a causa da excessiva fragilidade de muitas delas e, portanto, de suas frequentes enfermidades e até mortes. Em geral, no Colégio, o café da manhã consistia na polenta e castanhas cozidas, sem café com leite.

Conta-se a respeito de uma discussão comunitária na qual as Irmãs se perguntam se não é o caso de melhorar a comida e de dar a todas (Irmãs, Noviças, Postulantes e Educandas) a possibilidade de alimentar-se com o leite e o café.

A decisão à qual chegam é peremptória: não. « Dom Pestarino rendeu-se – lê-se -, e convenceu Ir. Maria a aceitar. Mas o coração desta mulher forte e ao mesmo tempo terníssimo, ficava preocupado ». Madre Enrichetta Sorbone conta que um dia « Saindo da capela depois da Missa, aquele cheiro bom da polenta, do pão cozido e das castanhas cozidas era uma verdadeira tentação [...] Quando, então, se vai para o refeitório, sobretudo quando há castanhas, sente-se a necessidade de deixá-las de lado para mortificar a gula. E conseguindo fazer isso, às vezes saímos de lá como entramos.

A vigária, porém, tem dois olhos... De fato, certa manhã, ela aborda exatamente Ir. Enrichetta: “Richetta – pergunta-lhe familiarmente – as castanhas estavam gostosas? “Boas e bonitas”. Você as comeu?”. “Que prêmio saboroso para as nossas danadinhas!”. “Mas você, pergunto você, as provou?”. “Não”. “Bem: como a mais danadinho aqui dentro é você, agora volte rápido ao refeitório e... bom café da manhã!”.

Assim era Ir. Maria: um temperamento austero e forte consigo, mas vivamente materna e delicada com as filhas. E é esta autenticidade que estimula, em torno de si, um clima evidentemente evangélico ».

Maternidade e vigilância, cuidado e responsabilidade, não para agradar: Maria Domingas não compactuava com quem pensava ou teria querido adaptar as próprias fraquezas à vida religiosa.

« Era assim. Entendia que era bom encorajar a ser mais fortes, imprimindo confiança em si, mantendo a esperança e caminhando gradativamente..., em vez de ceder a atitudes pouco corajosas e pouco confiantes que depois não ajudariam a fazer emergir o melhor de si».

Também em Valdocco a aproximação era significativa mesmo do ponto de vista físico: basta olhar as fotos de Dom Bosco com os jovens da banda, enquanto confessa ou quando posa para uma foto... Conforme a situação, quanto mais o espaço é reduzido, mais aumenta a intimidade, isto é, o grau de confiança e de empatia na interação. Pode-se apenas imaginar o percurso que os jovens fizeram para serem fotografados o mais “próximos” possível de Dom Bosco.

Aldo Giraudó ao introduzir a publicação das “Vidas dos Jovens” de João Bosco, analisa algumas cenas nas quais é descrita a conversa pessoal de Dom Bosco com os protagonistas para captar as características da relação educativa.

Deixemo-nos guiar pelo texto.

Com os três jovens, Domingos Sávio, Miguel Magone e Francisco Besucco, Dom Bosco procede gradualmente: ele parte do conhecimento, objetivo de um primeiro encontro, para a descrição de uma crise e, enfim, a superação do momento crítico que se resolve para os três jovens em uma passagem de crescimento humano e espiritual. Para a solução da crise nas três “vidas” é descrito o sucessivo itinerário educativo realizado sob a guia do educador.

Dom Bosco adota o diálogo como o caminho para estar próximo aos jovens e acompanhá-los em um programa formativo que, mesmo marcado por algumas diferenças devidas aos caracteres tão diferentes de Domingos, Miguel e Francisco, revela uma profunda sintonia: do cuidado de si à atenção para com os outros.

Um fecho para o processo formativo: educar-se, deixar-se educar, aprender a educar. Do mesmo modo: amar-se, deixar-se amar e aprender a amar.

Das conversas de Dom Bosco com os jovens emerge a abertura recíproca e a confiança que se instaura entre eles.

Depois da curiosidade do primeiro encontro, o diálogo avança rapidamente até a decisão de acolher os jovens no Oratório.

No caso de Domingos, a hesitação do educador por conta da constituição física frágil do jovem, é vencida pela sua abertura à graça de Deus: « “Oh! Parece-me ser um bom pano”. “Para que pode servir este pano?”. “Para fazer uma bela veste e dá-la ao Senhor”. “Então eu sou o pano; vossa excelência é o alfaiate; leve-me consigo e fará uma bela veste para o Senhor” [...] Não sabendo ele como melhor expressar o seu contentamento e a sua gratidão – conclui Dom Bosco - tomou-me pela mão, apertou-a, beijou-a muitas vezes e disse finalmente: “Espero ajustar-me de tal modo que não tenha o que lamentar-se da minha conduta”».

Miguel chega ao Oratório e corre ao encontro de Dom Bosco: « “Aqui estou, disse, eu sou o Miguel Magone que o senhor encontrou na estação ferroviária de Carmagnola”. “Estou a par de tudo, meu caro; você veio de boa vontade?”. “Sim, sim, boa vontade não me falta”. “Se você tem boa vontade, eu lhe recomendo de não colocar toda a casa de perna para o ar”. “Oh, fique tranquilo, não lhe darei desprazer [...] Se um travesso...”, disse isso e depois inclinou a cabeça rindo. “Continue a falar, o que você tem a dizer; se um travesso...”. “Se um travesso pudesse tornar-se bom a ponto de se fazer padre, eu me faria padre de boa vontade” ».

Gratidão, expectativa e desejo de fazer tudo bem e de fazer o bem: o encontro que acontece «no momento da inserção em comunidade – escreve Giraudó – apresenta as características de um “contrato” educativo, no qual a acolhida generosa do educador corresponde a promessa e o empenho do jovem».

Uma responsabilidade que nunca falhará, uma atenção que nunca será rejeitada, um olhar que nunca se perderá: Dom Bosco e os outros educadores permanecem atentos aos jovens, cuidam das suas secretas energias criativas, que bem rápido alcançarão os cumes da santidade.

Deus surge nas encruzilhadas

« Imersos o mais possível na densidade do mundo, não separados deste mundo por nenhuma regra, por nenhum voto, por nenhum hábito, por nenhum convento; pobres, mas semelhantes às pessoas de cada lugar; puros, mas semelhantes às pessoas de qualquer ambiente; obedientes, mas semelhantes às pessoas de qualquer país... Ser missionários – com ou sem barco – quer dizer isso ». Esta síntese de Madeleine Delbrêl condensa a mensagem cristã: Imergir-se lá onde se encontra, fazendo-se habitar sempre mais profundamente pela Palavra que Deus pronuncia *sobre* o mundo e *para* o mundo.

É nas encruzilhadas que Deus nos espera. É ali que nós o encontramos. O Evangelho obriga a um amor incondicional para com cada criatura, a ficar no rio da cotidianidade sem evitar lugar algum, mas considerando cada lugar adequado ao encontro, para que ali se manifeste a vontade de Deus.

A obediência aos eventos e aos encontros da vida cotidiana torna a fé verificável, pois ela se exprime por meio de atos concretos e não na abstração dos conceitos.

De Dom Bosco e Madre Mazzarello recebemos como herança o “lugar” no qual viver e manifestar a fé: numa comunidade que educa e evangeliza, que se faz casa para os jovens e para todas as pessoas que precisam de um ponto de chegada.

É apenas em referência aos outros que podemos interrogar-nos sobre a capacidade de intimidade e de proximidade, sobre os gestos e sobre as palavras que medeiam o nosso “ser dom” uns para os outros. Na ótica do dom recíproco, quebra-se a lógica do lucro e volta-se a fazer a pessoa respirar a plenos pulmões, inserindo-a em uma comunhão humana à altura do seu próprio desejo.

Então, como viver a proximidade em nossas comunidades? Que atitudes tomar para não “descartar” ou ser “indiferentes” também nos nossos ambientes? Que caminho tomar para que a nossa vida, e a das nossas comunidades, seja um Evangelho vivo?

Alguns trechos do discurso que o Papa Francisco fez ao episcopado brasileiro por ocasião da Jornada Mundial da Juventude 2013, no Rio de Janeiro, podem nos ajudar a refletir, a mudar de perspectiva, a retomar o caminho a partir da “concretude” e da “consciência” do lugar, das situações, das pessoas com que vivemos.

« O mistério difícil das pessoas que deixam a Igreja [...] Talvez a Igreja tenha se mostrado muito frágil, muito distante das suas necessidades, muito pobre para responder às suas inquietações, talvez, muito fria, muito autorreferencial e prisioneira das próprias linguagens rígidas, talvez o mundo tenha considerado a Igreja uma relíquia do passado, insuficiente para as novas demandas; talvez a Igreja tenha respostas para a infância do homem, mas não para a sua idade adulta».

Diante desta situação o que fazer? Serve uma Igreja que não tenha medo de entrar na sua noite. Serve uma Igreja capaz de encontrá-los no seu caminho. Serve uma Igreja capaz de inserir-se na sua conversa. Serve uma Igreja que saiba dialogar com aqueles discípulos que, escapando de Jerusalém, vagueiam sem meta, sozinhos, com o próprio desencanto, com a desilusão de um Cristianismo já considerado terreno estéril, infecundo, incapaz de gerar sentido [...]

Serve uma Igreja capaz de fazer companhia, de ir além da simples escuta; uma Igreja que acompanhe a caminhada colocando-se a caminho com as pessoas; uma Igreja capaz de decifrar a noite contida na fuga de Jerusalém de tantos irmãos e irmãs; uma Igreja que perceba como as razões pelas quais as pessoas se afastam já contêm em si mesmas as razões para um possível retorno, mas é necessário saber ler o todo com coragem [...].

Serve uma Igreja que volte a trazer o calor, a inflamar o coração. Serve uma Igreja capaz ainda de devolver cidadania a tantos filhos seus que caminham como num êxodo ».

mac@cgfma.org

Oração para permanecer acordados

(Madeleine Delbrêl)

Ó Senhor,
que continuamente nos desafia
a permanecer acordados
a perscrutar a aurora
a não tirar as sandálias
e os chinelos,
faça com que não cochilemos
em nossas poltronas
nos desfiladeiros
nos berços em que este mundo
nos embala com fraldas de pano,
mas que estejamos sempre atentos
para perceber
o murmúrio da tua Voz,
que continuamente passa
pelas ramagens da vida
para trazer frescor e novidade.
Faça com que a nossa sonolência
não se torne lugar de morte
e – portanto – dá-nos Tu mesmo um safanão
para permanecer despertos
e continuar caminhando sempre.

dma primeiro plano

Aprofundamentos bíblicos,
educativos
e formativos



Espiritualidade Missionária



**«Quando sou fraco,
então é que sou forte!»**

Maike Loes

No novo mundo onde a missão lhe pedia para aprender novas línguas, confrontando-se com mundos e culturas desconhecidos, mesmo diante das mais amargas dificuldades, Ir. Ângela Vallese não se perturbava, procurava ser sempre ela mesma, na inabalável certeza de ser sustentada pelo amor do Pai e de amá-Lo mais do que qualquer outra coisa no mundo. Esta era a fonte da “resiliência” de Ir. Ângela Vallese e de todas as missionárias da primeira hora!

“Resiliência” é a capacidade de resistir e de reagir diante das dificuldades, dos eventos negativos ou dolorosos; é saber enfrentar as crises, os traumas, o desapego, as grandes adversidades, transformações, rupturas e desafios, reelaborando as situações interiormente.

Uma pessoa resiliente é aquela que, depois de haver enfrentado uma dificuldade, consegue fazer exatamente como antes, sem perder o seu *focus*.

Ser resiliente não equivale a ser resistente, mas é contar com grandes recursos interiores, é reagir positivamente diante das contrariedades e das aparentes falências. Quando a situação se faz difícil, a pessoa resiliente sabe sempre recomeçar.

Nas nossas Constituições não se encontra a palavra “resiliência”, fala-se, ao invés, de sacrifício, de ascese, de um teor de vida sóbrio e austero, de um espírito de família que leve a preferir o bem das coirmãs mais que

o próprio, que faça escolher para si a parte mais cansativa. Fala-se do mistério da cruz.

Nas Constituições de 1885, aquelas que Ir. Ângela Vallese professou, Dom Bosco afirma que a FMA deve estar disposta a «sofrer o calor, o frio, a sede, a fome, o cansaço e o desprezo», ou seja, deve estar pronta a sacrificar tudo, a fim de cooperar com Cristo na salvação da juventude » (C 22).

Ir. Ângela Vallese não conheceu a palavra “resiliência”, não a estudou, mas a viveu em um cotidiano impregnado do amor de Deus e do Evangelho.

A “resiliência” levava-a a ver em tudo a presença de Deus, motivo pelo qual era impossível não amá-Lo na concretude dos dias, mesmo quando faltava tudo – inclusive o essencial para viver – porque não faltava a certeza de que a Patagônia e a Terra do Fogo eram a “terra prometida aos nossos pais”.

Lá, a natureza e os acontecimentos se faziam mestres de vida: uma terra árida que não permitia semear, que não oferecia uma estação favorável.

Lá, não se escutava outra coisa senão o vento (que alcançava não raramente cento e vinte quilômetros por hora), o frio, a pobreza e... todas as suas consequências! Em uma terra assim distante de tudo, era necessária toda a paciência do mundo, para que a vida despertasse, as sementes brotassem, os

ramos crescessem, as flores se transformassem em frutos, e finalmente... a colheita.

Em cada estação da vida... “resiliência”

A pobreza que havia experimentado desde pequena ajudará Ângela a entender melhor as necessidades dos outros e a superar cada provação. De fato, muitas vezes havia pedido ajuda às famílias mais ricas de Lu, porque o dinheiro que ganhava como costureira não era suficiente para contribuir ao orçamento da casa.

Quando decide entrar no Instituto, deixa Lu Monferrato e se encaminha para Borgo San Martino. Lá, acompanhada por Ir. Felicina Mazzarello, toma o trem até Serravalle. Será esta primeira viagem da sua vida. Da Estação até Gavi vão de diligência. De Gavi, prosseguem a pé até Mornese.

À partida para a América, o desapego da pátria, da família, de Dom Bosco e Madre Mazzarello. Durante a viagem, não apenas Ir. Ângela, mas todas as “inexperientes navegantes” sofrem o mal de mar.

Dom Costamagna, responsável pela expedição, está sempre disposto a transmitir coragem e confiança às missionárias. Mas é a “resiliência” de Ir. Ângela que a manterá em pé para confortar as coirmãs e viver no «Savoia» o ritmo de trabalho e de oração que tinham em Mornese, dedicando um particular cuidado aos demais passageiros, da primeira e da última classe, sem fazer diferenças.

Nas suas cartas repetirá muitas vezes a exortação à *coragem*; escrevendo para a família Ir. Ângela observa que, para conquistar o Paraíso «...o meio mais belo é suportar as nossas cruces com paciência, pensando que tudo aquilo que acontece neste mundo, é permitido por Deus para o nosso bem». Também as epidemias letais dos indígenas marcaram a vida de Ir. Ângela. Ela e as Irmãs logo precisaram acostumar-se a enterrar aqueles que eram a razão de sua vocação missionária *ad gentes*. No final de 1881, uma violenta epidemia de tifo empenhou as Irmãs em primeira linha na assistência aos doentes e moribundos. Até mesmo Ir.

Ângela foi para a cama com ataques de febre altíssima, mas assim que se tornou capaz de reger-se em pé, procurou acudir outros doentes, assistir as Irmãs e fazer os trabalhos da casa.

Em 1896, a missão da Candelária (Cabo de Peñas), construída com muito esforço e sacrifício, foi destruída por um incêndio. Quem quer sobreviver, deve começar logo a reconstruir aquilo que foi destruído. E assim se começa novamente! A crônica nos conta: « E agora eis-nos de novo no deserto, sem meios de subsistência, cercados por uma turba de indígenas esfaimados que nos pedem pão e roupas, pão material e pão espiritual e nós estamos na impossibilidade de satisfazê-los... E se a Providência não vier em nossa ajuda neste inverno morreremos todos de fome e de frio ». Depois do incêndio, à pergunta se desejavam voltar a Punta Arenas, as Irmãs respondem: «Não, se for Vontade de Deus estamos dispostas a sofrer qualquer desconforto em vez de abandonar o nosso posto».

E assim elas se acostumam a dormir no chão, em dois pequenos quartos meio queimados e sem teto, poupados pelo incêndio.

Passado o outono, chega o inverno.

As Irmãs dormem sob uma cobertura reduzida de modo tal que podem ver as estrelas, e com uma temperatura entre dez e quinze graus abaixo de zero. Frequentemente, pela manhã, encontravam sobre o próprio cobertor uma fina camada de gelo.

Ir. Ângela, a par da situação, escreve de Punta Arenas uma carta às Irmãs: “Coragem e confiança! O Senhor nunca nos abandona... Maria Auxiliadora é nossa mãe, redobremos nossa confiança n’Ela, quem sabe quantos milagres de graça nos alcançará, se soubermos ser resignadas, pacientes e generosas”.

“Se soubermos ser “resilientes”, diria hoje.

maike@cgfma.org

Alma e Direito



As crianças devem ser respeitadas!

Rosária Elefante

Quando se fala de crianças todos são unânimes em reconhecer todo tipo de direito, mesmo os inexistentes, desde que os pequenos homens sejam protegidos e, porque não, também mimados.

Mas, sabe-se, filosofar é uma história, ser coerentes no cotidiano e nos relacionamentos pessoais, é outra!

O universo delicadíssimo em que vivem as crianças comporta um equilíbrio continuamente instável e, na verdade, basta um sopro para sujar indelevelmente aquelas páginas brancas que são totalmente confiadas a nós adultos.

Cartas internacionais, declarações internacionais, em suma documentos, mais ou menos vinculados em nível mundial, procuram proteger e tutelar os direitos dos menores. Princípios e valores partilhados anunciam sua total proteção dos menores de 0 a 16/18 anos. Realidade e crônica, porém, demonstram outra coisa. Todavia, a lei internacional é clara: as crianças devem ser respeitadas! E então, o que acontece?

Violências inauditas, usos e abusos de crianças multiplicam-se cotidianamente e acabam sendo notícias de jornal em cada país. As imagens violentas de corpinhos sem vida jogados pelas estradas nas zonas de guerra, mais do que as zonas mal afamadas nos deixam sem respiro e com o coração cheio de uma inconsolável dor.

Notícias de venda de crianças para transplante ou turismo pedofílico-pornográfico não podem senão provocar lágrimas. Isso mesmo, lágrimas.

Repugnância e raiva! É possível que esteja acontecendo tudo isso?

Mas não é somente essa violência indelével. Existem muitas outras formas de violência. Mais silenciosas, talvez, mas nem por isso inócuas ou insignificantes. Ao lado das violências físicas, bem conhecidas desde a antiguidade grega, existem as verbais e psicológicas, capazes de desviar e devastar para sempre quem as sofre, sobretudo quando se trata de crianças.

A violência psicológica é certamente a forma mais frequente, mas constantemente subestimada, apesar de ser tão grave e perigosa para a segurança do menor quanto sutil e dificilmente detectável.

A respeito dos outros tipos de abuso as consequências sobre os aspectos estruturais da psique infantil são muito mais profundas e sobre o plano do processo evolutivo normal são muito mais destrutivas. A variedade é imensa e os exemplos até se poderiam perder.

Nas chagas de uma sociedade muitas vezes ignorante de si mesma ou até mesmo bipolar entre o dizer e o fazer, cotidianamente se consumam fatos horríveis à custa dos nossos filhos.

O âmbito familiar, escolar e os centros juvenis são os espaços de eleição onde isso pode acontecer. Conhecer determinadas situações e calar é sinônimo de ser seu artífice.

Descarregar as próprias neuroses sobre os filhos ou usá-los como saco de pancadas mesmo para ferir o próprio parceiro, parece ser uma tendência constante, que infelizmente determinará a vida, marcando-a, não apenas a do casal, mas também a da criança.

O mau trato psicológico das crianças, mesmo e principalmente por parte dos educadores, professores, ou instrutores, é aquele comportamento terrível que tem a finalidade de humilhá-las, desvalorizá-las com crueldade de modo continuado e duradouro, mediante palavras ou atitudes. Ameaçar, isolar, denegrir, ignorar, chantagear, amedrontar, insultar e oprimir, são armas, todas elas capazes de torturar as crianças que, incapazes de suportar o confronto com adultos insatisfeitos, que na realidade deveriam abster-se de até mesmo ter contato com estas criaturinhas, correm o risco de ficar marcadas para a vida inteira. Resta saber que a jurisprudência internacional já reconhece que grande parte dos problemas da nossa sociedade, desde a criminalidade até as toxicodependências, tem origem exatamente nos comportamentos violentos que as crianças sofrem na infância, diante da indiferença de todos.



Mas isso não é tudo. Existe o egoísmo como outra fonte de violência. A mesma reivindicação parental no período do climatério «mais de sessenta» é condenada por razões que não têm a ver com a ética ou a sacralidade da vida, mas simplesmente porque aquelas pobres crianças que nascerão não serão jamais filhos daquelas mães e/ou pais idosos incapazes de procriar, mas, de outros pais desconhecidos que doaram os seus gametas, depois fecundados *in vitro*, enfim colocados no útero das aspirantes mães/avós, que outra coisa não são senão incubadoras.

Seja mesmo, o direito à maternidade! Nenhuma dúvida sobre a qualidade e a quantidade de afeto que estes pais são capazes de dar, mas o direito deste pobre filho espúrio deverá mesmo ser reconhecido e, sobretudo protegido *in primis* pelos pais, mas isto não é possível na vida após a morte!

rosaria.elefante@virgilio.it



À escuta da Criação

Martha Séide

« O mundo não é uma terra deserta onde o homem, para sobreviver, retalha para si um espaço sob medida, mas é uma música a ser ouvida que convida à alegria e à dança ».
(Baal Shem Tov)

Esta afirmação da maior figura espiritual do hebraísmo polaco do século XVIII ilustra oportunamente a atitude que deve caracterizar o homem em sua relação com a criação. Trata-se de um olhar positivo que leva a descobrir e a escutar a sinfonia da criação e, por conseguinte a empenhar-se para que seja um espaço de alegria e de vida plena para todos. Antes, o homem não só é chamado a escutar a criação, mas é convidado a fazer-se voz da natureza, a associar-se ao coro das outras criaturas para louvar em harmonia o comum Criador e Senhor (cf Ko Há Fong Maria, *A criação dom de amor: abordagem bíblica*, 1).

A criação, sinal de Deus

Nesta mesma linha, a Doutrina Social da Igreja insiste em afirmar que a atitude peculiar « do homem diante da criação é essencialmente a de gratidão e reconhecimento: de fato, o mundo remete ao mistério de Deus que o criou e o sustenta. Quando se coloca entre parênteses a relação com Deus, esvazia-se a natureza do seu significado profundo, depauperando-a. Se, em vez, chega-se a descobrir a natureza na sua dimensão criatural, pode-se estabelecer com ela uma relação de comunicação, colher o seu significado evocativo e simbólico, penetrar assim no horizonte do *mistério*, que abre ao homem o caminho para Deus, Criador dos céus e da terra. *O mundo se oferece ao olhar do homem como sinal de Deus*, lugar no qual se desvela a Sua potência criadora, providente e redentora » (DSC n. 487). A natureza torna-se, portanto um evangelho que nos fala de Deus.

Por isso o crente não pode permanecer indiferente diante das feridas da terra, ocorre escutar também os gemidos da criação.

Escutar os gemidos da criação

De cada ângulo do mundo pode-se perceber hoje a dor do nosso planeta. Todos nós, seres humanos, compartilhamos as causas da crise ecológica e somos profundamente interpelados a escolher estratégias adequadas voltadas à proteção do ambiente.

Por maior razão, o crente que professa a sua fé em Deus Pai, “*Criador do céu e da terra*”, não pode ignorar a realidade da poluição generalizada da terra, o esgotamento dos recursos hídricos e energéticos, a extinção progressiva de inteiras espécies animais e vegetais e muitos outros aspectos da questão ecológica, fonte de preocupação para o futuro do mundo e da humanidade. Não é possível que continuemos a viver como se fôssemos a última geração do planeta terra.

Escutar os gemidos da criação e dar-lhe uma resposta não é apenas um problema de equilíbrio ecológico, mas também um problema ético e espiritual. Ocorre assumir a nossa responsabilidade e ousar a inovação no agir cotidiano e nas escolhas políticas estratégicas.

Ousar a inovação

Escutar a criação como sinal de Deus de um lado e, do outro, constatar a deturpação do seu rosto no desastre ecológico atual, impele-nos à busca de soluções alternativas para assegurar um futuro melhor às novas gerações. Há iniciativas interessantes a este respeito particularmente em algumas congregações religiosas (franciscanos, beneditinos, jesuítas etc.) e na sociedade civil. Por exemplo, a revolução gentil e agroecológica de Pierre Rabhi é um testemunho eloquente.

A revolução gentil e agroecológica de Pierre Rabhi

Pierre Rabhi, agricultor francês de origem algeriana, é um dos pioneiros da agricultura ecológica na França.

Especialista internacional na luta contra a desertificação, mas também escritor e pensador, não só professa a necessidade de mudar o modelo de desenvolvimento, mas propõe soluções concretas, cria associações e movimentos e, sobretudo, aplica os princípios procurando defender o mundo em que vive, empenhando-se diariamente.

Sua conversão ecológica aconteceu exatamente a partir da sua experiência de operário especializado numa fazenda agrícola. Podemos afirmar que representa um exemplo típico de alguém que vive à escuta da criação. O seu testemunho convida cada uma de nós a contribuir com a própria gota para salvaguardar a sinfonia da criação.

Fazer a própria parte

Uma lenda africana, em base ao *movimento colibri* de Rabhi, narra que um dia houve um imenso incêndio na floresta. Todos os animais, aterrorizados e consternados, observavam impotentes o desastre.

Apenas o pequeno colibri tomou a iniciativa e foi procurar algumas gotas d'água com seu bico, para jogá-las no fogo.

Após um momento, o leão irritado com os seus movimentos insignificantes, lhe disse: "Colibri, mas você está louco? Acredita realmente que com poucas gotas d'água vai conseguir apagar o incêndio?". "Eu sei – responde o colibri – mas faço a minha parte".

A lição é eficaz, a lenda nos convida a assumir o dever de contribuir com nossa gota na construção da cultura ecológica, tão necessária à sobrevivência do nosso planeta.

CONTRA

LUZ

Boas práticas

Estas referências oferecem alguns exemplos de boas práticas em várias línguas e contextos, para aprofundar a questão ecológica e agir com eficácia:

Escutar a terra. Uma Auditoria sobre o Meio Ambiente para as Comunidades Beneditinas, em www.arcworld.org/

ORDEM DOS FRADES MENORES, *A salvaguarda da criação na vida cotidiana dos Frades Menores, Escritório de Justiça, Paz e Integridade da Criação, Roma 2011.*

A Revista *Promotio Iustitiae* publicada pelo Secretariado para a Justiça Social e a Ecologia dos Jesuítas especialmente o número 111, 2013/2, em www.sjweb.info/sjs

Para a experiência de Pierre Rabhi consultar:

<https://www.colibris-lemouvement.org/colibris/pierre-rabhi>

mseide@yahoo.com

Fio de Ariadne



Quem ainda sonha?

Maria Rossi

Há um tempo atrás, era bastante fácil ouvir alguém entretendo com o relato de situações estranhas, enigmáticas, às vezes angustiantes ou também divertidas, vividas no sonho. E depois seguir as tentativas de interpretação, da parte de quem, não

completamente desprovido da linguagem onírica, procurava evidenciar o seu significado.

Hoje, dificilmente se ouve contar um sonho. As pessoas interrogadas sobre isso, frequentemente respondem que não sonham ou que não se lembram

dos sonhos. Na atual cultura racionalizada e super-*tecnologizada* o sonho não é levado em consideração. Diante do argumento, algumas/alguns esboçam um sorriso irônico, dizendo ou fazendo compreender que tais coisas não lhe dizem respeito.

Viaja-se com o *smartphone* na mão, um celular no pescoço, o outro no bolso e o computador pessoal na bolsa.

Algumas/alguns, sobretudo diante das pessoas idosas que não têm estes instrumentos, os usam com uma ridícula atitude ostensiva.

O acesso à Rede, as *social network* não devem ser demonizadas. Se utilizadas adequadamente podem servir de ajuda às/aos jovens, às/aos idosos.

Há a possibilidade de informar-se de tudo o que acontece no Planeta e também no Instituto; cultivar interesses culturais e profissionais; comunicar-se com parentes e amigos, mas também de se deixar prender em demasia por mil coisas interessantes que lá estão.

O que preocupa é que, a excessiva importância dada à racionalidade e à técnica e a subestimação da afetividade, cheguem a sufocar a vida ou a diminuir sua expansão. Uma racionalidade interessada em controlar, burocratizar, catalogar, sufoca a vida afetiva, assim como a exploração da natureza por uma produção indiscriminada também de lixos, plásticos, substâncias poluentes, envenena a terra e destrói a vida.

Leis diferentes da racionalidade

O sonho faz parte do subconsciente humano, da afetividade. Ele segue leis diferentes das leis da racionalidade. Escapa aos controles.

Exprime-se nos mitos e nos símbolos que provêm da profundidade do ser, símbolos que evocam, mostram e ao mesmo tempo escondem e escapam.

O sonho nunca mente. Nos seus livres horizontes movem-se os Anjos anunciadores.

O universo subconsciente é uma dimensão importante da vida, mas, um desenvolvimento exagerado da racionalidade e a não consideração, pode impedi-los de manifestar-se e de comunicar por meio dos símbolos oníricos.

Há uma certa afinidade entre o mundo do subconsciente humano e o da natureza. A natureza é extremamente boa e humilde. Diante do desprezo e da brutalidade retira-se timidamente e se prepara para desaparecer, como acontece aos tímidos ursinhos Panda em rápida extinção, em algumas zonas da terra. Algo semelhante acontece também com o subconsciente humano. Quando é sufocado e ignorado, retira-se e não se exprime mais.

Vive por sua conta, desagregado do resto do ser, causando, às vezes, problemas mais ou menos evidentes. O absoluto silêncio do subconsciente é mutismo.

Os imensos oceanos, os límpidos céus estrelados, as paisagens infinitas, não tendo a permissão de se exprimir, ficam mudos. A existência torna-se fria, racionalista, utilitarista, insatisfatória e a vida espiritual, um subproduto dos raciocínios superficiais, sem raízes profundas.

Sonhos noturnos

No mundo bíblico, as visões noturnas são consideradas um modo privilegiado de comunicação com Deus. Basta pensar em Abraão, em Jacó e, sobretudo em José. Na antiga Grécia, em Roma e também em Israel, havia lugares para onde ir, em momentos particulares da vida, a fim de ter sonhos capazes de dar indicações.

O jovem Salomão, pouco tempo depois de ter sido eleito rei, foi ao santuário nas alturas de Gabaon para ter um sonho que o iluminasse a respeito de sua missão. E lá, depois de haver oferecido sacrifícios e orações, durante a noite tem um sonho que não entende logo, mas que o guiará ao longo da vida (cf 1Re 3, 4-15).

De modo semelhante, o jovem Francisco de Assis descobre a sua missão, guiado pela gradual compreensão de alguns sonhos noturnos.

A vida, como também a missão de Dom Bosco, além de ser marcada por aquele sonho dos nove anos, foi constelada de sonhos ou visões reveladores de sua espiritualidade, de sua missão educativa e também de suas preocupações, como o sonho *dos dez diamantes*, proposto, este ano, à meditação de toda a Família Salesiana.

De particular importância para a espiritualidade e a missão educativa é o *sonho do caramanchão de rosas*. O Papa Francisco, na cerimônia de agradecimento e de despedida do Cardeal Bertone, referindo-se à tradição e à espiritualidade salesiana, evocou este sonho, sublinhando que, durante o mandato de Secretário de Estado, os espinhos e as contrariedades que o Cardeal Bertone precisou enfrentar foram muitos, mas superados com a ajuda da Auxiliadora.

Dom Bosco propõe o sonho do caramanchão de rosas aos seus colaboradores para evidenciar as dificuldades da vida consagrada e como superá-las.

Nos ambientes do Oratório reinam a alegria e a felicidade. Quem os frequenta fica contagiado pela serenidade de Dom Bosco e pela alegria explosiva dos jovens (as belíssimas rosas). Aqueles que desejam segui-lo devem perceber que a beleza, a harmonia, a alegria, são *metas atraentes*, mas fruto de dificuldades, de lacerações (os espinhos) que podem ser superados com a ascese e a ajuda de Maria Auxiliadora.

Uma formação robusta

Este sonho é ainda atual. Oferece indicações importantíssimas para quem assume a vida religiosa, para quem forma as/os jovens à vida religiosa e também à vida matrimonial.

Há algum tempo pensava-se que apenas os que se tornariam padres e Irmãs tinham necessidade de uma formação espiritual e ascética. Para estes criaram-se estruturas com tempos e programas de formação e de treinamento, hoje, talvez a serem repensados.

Atualmente, observando a facilidade com que as famílias se desmoronam, com tristes repercussões sobre os mais fracos, evidencia-se a necessidade de uma formação robusta para todos.

Uma mal-entendida psicologia e pedagogia da prevenção, infiltrada, sobretudo na cultura ocidental, desconsiderando o valor do sacrifício, escondendo as dificuldades e procurando contentar em tudo, não realiza uma formação completa da pessoa. Cria adultos vulneráveis e incapazes de reagir positivamente às inevitáveis dificuldades da vida. O sonho do caramanchão de rosas, entre outros, sugere que, para formar não apenas à vida consagrada, mas à vida, é necessário: ter confiança nas energias de quem está crescendo; não tirar os obstáculos ou encobri-los piedosa e inutilmente, mas chamá-los pelo nome (os espinhos são espinhos); acostumar-se a considerar as dificuldades com realismo sem exagerar ou minimizar; estimular a uma ascese saudável e a uma sólida espiritualidade, o que reforça os recursos humanos; ajudar com uma aproximação terna e forte a superar as provas e depois gozar juntos a satisfação e a alegria dos resultados alcançados (a beleza das rosas). *Uma séria e serena ascese*, isto é, o treinamento à renúncia do próprio egoísmo e da própria acomodação para aceitar e respeitar a diversidade, a verdade, a liberdade e os ritmos das pessoas; o treinamento para superar as contrariedades e as inconveniências cotidianas e para aceitar com humildade o próprio limite e a ajuda dos outros, *unida a uma robusta espiritualidade* (a abertura e a entrega ao Outro) são indispensáveis para alcançar a alegria de uma vida consagrada ou matrimonial fiel e fecunda; para realizar uma eficaz missão educativa; para sustentar uma obra social e/ou um empreendimento em tempo de crise; para obter uma vitória esportiva e/ou uma nota cento e dez com louvor; são também indispensáveis para sair ao encontro das “periferias existenciais” dos marginalizados e dos anciãos a fim de ajudar, levar esperança e alegria,

bem como para perceber as “periferias existenciais” presentes também em nossas comunidades.

Comunicações importantes

Nem todos os sonhos têm o mesmo alcance.

Algumas imagens simbólicas ou expressões oníricas, às vezes, exprimem simplesmente as preocupações, os medos e os desejos não expressos ou reprimidos na vigília; outras vezes oferecem comunicações importantes, mas de compreensão não imediata.

Os sonhos podem ser desejados, como os de Salomão, proféticos, de iluminação, premonitórios de um perigo, sonhos de ações, sonhos lúcidos e outros.

O sonho que José teve depois que Maria lhe revelou que estava grávida (Mt 1,20-21) contém mais aspectos: “em sonho um Anjo do Senhor lhe disse: José, filho de Davi, não temas receber Maria como tua esposa” (=consolação e ação). “Porque o que ela concebeu é obra do Espírito Santo” (iluminação). “Dará à luz um filho a quem tu porá o nome de Jesus, porque ele salvará seu povo de seus pecados” (profecia). Os sonhos de Dom Bosco são geralmente sonhos lúcidos de fácil interpretação, porque, com as imagens, é declarado também o significado.

Habilitar-nos à escuta

Se, além de fazermos tesouro do patrimônio espiritual e educativo que os sonhos de Dom Bosco exprimem, conseguíssemos também acolher com humildade e discrição o nosso mundo onírico, habilitar-nos à escuta das suas mensagens, das mensagens dos Anjos que nele se movem, poderíamos dar maior espessura à nossa personalidade; integrar e harmonizar racionalidade e afetividade; superar aquela ambição de eficiência e de mesquinho utilitarismo que às vezes sufoca e abrir-nos a horizontes impensados de liberdade e de ternura onde a alegria, a felicidade, a fraternidade (as rosas) são de casa; poderíamos, assim, contagiar os nossos “filhos” e as nossas “filhas” para que sonhem projetos de futuro carregados de valores evangélicos e dar a nossa pequena contribuição para que a humanidade se torne mais semelhante àquela que Deus, ao criar, sonhou.

rossi_maria@libero.ir



**O MUNDO
FOI CRIADO POR DEUS
PARA QUE O HOMEM NASCESSE**

LUCIO LATTANZIO

hino à vida

**SE É DEUS
QUE QUERES CONHECER...
O VERÁS RIR NAS FLORES,
E ELEVAR E MOVER AS MÃOS
ENTRE AS ÁRVORES**

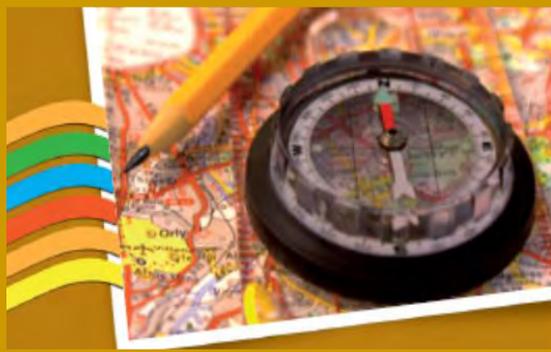
KAHLIL GIBRAN

**A TEMPESTADE
É CAPAZ DE
DESPETALAR AS FLORES,
MAS NÃO É CAPAZ DE
DANIFICAR AS SEMENTES.**

KAHLIL GIBRAN

dma em busca

Leitura evangélica
dos fatos contemporâneos



EQS Culturas



Radicalidade e Responsabilidade

Mara Borsi

Dom Bosco concretiza o seu programa de vida – «daí-me almas, tirai-me o resto» – com o trabalho e a temperança, características fundamentais do seu modo de testemunhar a radicalidade do Evangelho. Mística e ascética exprimem-se de modo visível na vivência dos educadores e educadoras com a dedicação ao trabalho apostólico e com a capacidade de renúncia. Quem vive a espiritualidade salesiana não pode esquecer que o que atrai é o testemunho de vida segundo o Evangelho.

No dia 31 de dezembro de 1863, cumprimentando pelo novo ano, Dom Bosco entrega à comunidade do Oratório de Valdocco esta “Estreia”: « Programa desta casa e que está escrito em meu quarto: *Da mihi animas, cetera tolle*. Eu não peço senão as vossas almas, não desejo senão o vosso bem espiritual. [...]. Eu vos prometo e vos dou tudo aquilo que sou e aquilo que tenho. Eu por vós estudo, por vós trabalho, por vós vivo e por vós estou disposto também a dar a vida » (MB VII, 585).

Para as Filhas de Maria Auxiliadora o lema é idêntico, de fato, o artigo 6 das *Constituições* afirma: «O “da mihi animas cetera tolle” que levou Dom Bosco

e Madre Mazzarello ao dom total de si mesmos pelos pequenos e pelos pobres, é a alma da nossa missão educativa». Tudo isso leva diretamente à *fonte espiritual do trabalho educativo-pastoral* dos membros da família salesiana: o desejo de levar as pessoas, grandes e pequenos, a Deus, ver os jovens felizes, dar-lhes o Senhor Jesus como amigo, irmão, mestre e pai. O lema *Da mihi animas cetera tolle* pode-se entender de muitos modos: é um programa de vida, uma declaração de princípio, uma oração insistente, um convite a compartilhar os desejos de Deus, um pedido de ascese rigorosa que saiba distinguir o essencial do supérfluo, um manifesto de vida apostólica...

O fato é que, de qualquer modo que o queiramos entender, sem este espírito não se compreende nada daquilo que se realiza em uma casa salesiana, falta a *substância ativa, o sal e o fermento do trabalho educativo-pastoral*. Sem isto, corremos o risco de fazer muitas coisas, mas sem o espírito que deve distinguir cada realidade salesiana digna deste nome.

O empenho educativo

A distância entre o bem-estar e a pobreza, sempre crescente, interpela a Família Salesiana a dar

respostas, sobretudo por meio da educação. Lá onde os jovens são mais marcados pela exclusão, pela marginalização, pelo desconforto, precisamente lá, quem se deixa guiar pela espiritualidade salesiana é chamado a estar e para lá deve ir. A tarefa educativa hoje é uma missão chave; sem a educação não há mudança cultural e na educação insere-se o anúncio do Evangelho.

A prioridade hoje é preparar os jovens a serem capazes de transformar a sociedade segundo o espírito do Evangelho como agentes de justiça e de paz e a viverem o serviço na Igreja.

A superação das situações de pobreza requer a mudança dos modelos culturais; isto acontece com estratégias de longo prazo, como as da educação: educação aos direitos humanos e à cidadania ativa, formação à liderança, qualificação profissional,

proposta do Evangelho e crescimento na fé. Por isso ocorre formar-se e formar educadores que estejam à altura de pessoas que educam e que saibam anunciar Cristo a uma geração que muda continuamente.

As vocações ao matrimônio e à vida consagrada se desenvolvem a partir da consciência de que é apenas doando a própria vida que se encontra em plenitude a vida; por este motivo a Família Salesiana com espírito de iniciativa e criatividade envolve os jovens em experiências de serviço e gratuidade na educação, no voluntariado, na missionariedade, na catequese; promove experiências de oração e vida comunitária. Convida-os a serem místicos no Espírito Santo, profetas da fraternidade, e a se fazerem servos dos jovens, seus coetâneos.

mara@cgfma.org

Uma rede para a educação dos jovens

Como estudantes do curso de Espiritualidade do Instituto das FMA, nós tivemos muitas ocasiões para aprofundar o significado da radicalidade evangélica na vida de Dom Bosco e Maria Mazzarello.

Clara para nós é a consciência de que hoje não devemos copiar materialmente a experiência de Valdocco e Mornese, mas reviver o espírito com que os nossos Fundadores agiram no seu tempo.

No Brasil, o carisma salesiano está presente há 130 anos. Ao longo da história SDB e FMA procuraram responder às necessidades e às exigências dos mais pobres e se empenharam em viver a palavra de Jesus: «O que fizestes a um destes pequeninos a mim o fizestes».

Na segunda parte do século XX, no Brasil, as escolas salesianas SDB e FMA organizaram-se e constituíram a *Rede das Escolas Salesianas* que atualmente é a rede nacional católica mais numerosa do continente americano.

De fato, ela reúne cerca de 5 mil educadores, 85 mil estudantes e mais de 100 Institutos de ensino. As iniciativas e os projetos são numerosos. Entre os últimos mencionamos o que foi realizado no Haiti.

Em julho de 2013, um grupo de professores de Educação Física da *Rede das Escolas Salesianas* realizou o projeto *Professores sem fronteiras* que promoveu um trabalho de educação integral por meio do esporte. A iniciativa dirigida a crianças e adolescentes entre 5 e 18 anos foi ocasião de encontro e troca solidária entre pessoas de culturas diferentes.

Acreditamos que a radicalidade evangélica seja fruto de uma autêntica atitude de abertura e amor diante de Deus e das necessidades do nosso mundo.

*Josefa De Lira, Ana Clébia Lima Palheta,
Francisca Rosa da Silva, Brasil*



No coração da Palavra

Emília di Massimo

Os jovens dos tempos modernos têm vários lugares de reunião, diferentes dos tradicionais centros juvenis, centros sociais, bibliotecas e oratórios; e estes novos lugares não são mais dedicados a atividades culturais ou lúdicas. Há muitos não-lugares que se tornam centros de reunião juvenil e a socialização ocorre, cada vez mais, em espaços virtuais (como o Twitter, o FB, o Myspace) ou em espaços íntimos (“agorafóbici”) e sempre de modo indireto, por meio de instrumentos interativos. Para os jovens e não jovens, a Internet tornou-se uma grande “praça” onde se conhecem, se visitam, fazem amizades, fazem desabrochar o amor ou trocam opiniões e conselhos, ou onde se confrontam serenamente com os demais sem reservas, inconveniências ou medos.

Tantas palavras, mas uma solidão maior, embora o fim último pareça ser propriamente o de evitar a solidão.

Múltiplas indagações sobre o ambiente virtual da web dão, em síntese, o seguinte resultado: os jovens utilizam a rede Internet para conhecer-se, encontrar-se e socializar... Todavia, muitos deles vivem o isolamento virtual por trás da luz azul de uma tela plana.

Um jovem afirma: « Mas se tenho 600 amigos no facebook, o que faço aos sábados à tarde somente diante do computador? ».

Algumas correntes pedagógicas afirmam com segurança que a solidão dos jovens poderá ser seguramente vencida quando os adultos forem capazes de fazê-los reabrir os olhos à beleza do encontro com o outro.

Quando souberem dizer-lhes palavras de vida.

Uma Palavra que comunica

Muitas palavras, às vezes enganosas e condicionadoras, invadem diariamente o nosso ouvido e criam necessidade de silêncio e de solidão, mas há uma palavra que se exprime quando se torna silenciosa e se esvazia, porque se dá. É a Palavra de Deus, lida não para encontrar respostas já prontas, mas para que possam surgir perguntas.

Além disso, as pessoas crentes não são em primeiro lugar pessoas que buscam? Os jovens colocam uma busca de vida e de felicidade, para uma qualidade autêntica da existência. A Pastoral Juvenil não considera a experiência religiosa uma das muitas experiências que perpassam a vida de uma pessoa, e contesta o hábito difuso de limitar-se à crítica das atitudes e dos comportamentos formalmente religiosos, mas valoriza o índice de significatividade com que eles são vividos ou desejados.

Em vez de começar da religiosidade dos jovens, para alcançar a vida, poderíamos inverter a perspectiva procedendo a partir da religiosidade da vida, também porque é sempre difícil construir uma figura de jovem crente como um ponto de chegada estático de um empenho, é melhor tentar traçar um percurso. É típico dos jovens colocar-se a caminho, interpretar o que foi vivido, posicionar-se diante de uma meta alta; escutar a Palavra para conhecer Jesus. O encontro com o Senhor ressuscitado, liberta o coração e o transforma, fazendo emergir como se é nômade do amor. O Espírito, colocando em contato com o dom do amor de Deus, delinea os contornos da humanidade de Jesus em nós e confere força e referências para se construir uma nova estrutura de personalidade que tem como elemento fundamental e determinante a pessoa de Jesus, o seu modo de viver, de ser, o seu pensamento, os seus gostos, as suas atitudes. Não podemos confiar à espontaneidade das ocasiões ou à socialização religiosa a tarefa de oferecer os fundamentos de novas razões de vida e motivos de esperança, nem contentar-nos com a permanência de uma religiosidade indefinida, para sobreviver. Ocorre fixar com coragem e com humildade alguma ferramenta mínima para reforçar a nova espiritualidade, como, por exemplo, a oração, um orientador espiritual, um estilo de vida gradualmente evangélico.

A experiência de uma vida comunitária

A Palavra de Deus, para ser escutada, precisa de um contexto comunitário. Oferecer a possibilidade de experiências de vida comum para

grupos de jovens, por tempos limitados e em continuidade com os empenhos escolares ou de trabalho: um cenóbio para este tempo, modelado segundo um projeto educativo não improvisado. A necessidade de radicalidade e a questão sobre o fato essencial da fé podem convergir em um processo educativo do qual a experiência de vida comum faz parte. A experiência da vida comum configura-se como um exercício espiritual, modelo simbólico de vida cristã. A ocasião comunitária, a ser regulada conforme os casos pode fazer amadurecer a demanda de identidade para o exercício da missão e a de futuro para o perfil da responsabilidade. Talvez, uma vida comum renovada seja hoje um instrumento pedagógico formidável, expressão de liberdade e de ajuda contra o extravio contemporâneo.

A liberdade e a comunhão abrem ao mistério, todavia, o desejo de comunidade é posto por alguns autores como alternativa ao crescimento da liberdade. Zygmunt Bauman sustenta que às glórias da nova era

global se contrapõe a solidão do homem comum. A sociabilidade está vacilante, confusa e turva. A convivência, não só a juvenil, descarrega-se em explosões esporádicas e espetaculares para depois se dobrar esgotada sobre si mesma. Para frear este processo ocorre encontrar o espaço em que o público e o privado se conectam: é necessário encontrar a antiga ágora, em que a liberdade individual pode se tornar empenho coletivo. Por isso a comunidade se faz necessária e pode ser fonte de segurança, elemento fundamental para uma vida feliz. Em um mundo de não lugares, para além dos múltiplos espaços virtuais, talvez ocorram novas demoras de acolhida, espaços comunitários, que proporcionem aos jovens um lugar físico e relacional, no qual a experiência de humanidade se abra à beleza do homem Jesus e à sua divindade.

emiliadimassimo@libero.it

Um olhar sobre o mundo



Ñande Roga. A nossa casa

Anna Rita Cristaino

O Chaco Paraguai é uma região que ocupa cerca da metade do Paraguai com 80.000 habitantes sobre os seis milhões da Nação inteira. Aqui as FMA têm comunidades em Ñu Apu'a, Fuerte Olimpo, Carmelo Peralta, Puerto la Victoria e trabalham com os indígenas Maskoy, Ayorei e Chamacoco.

A região é atravessada pelo Rio Paraguai, que faz o limite com o Brasil. O rio, que não tem diques, é navegável e às vezes é o único caminho percorrível para se chegar a determinadas zonas do Chaco.

De fato, aqui o terreno é argiloso e a chuva o transforma em barro, tornando as estradas intransitáveis.

Colocar-se ao lado

Visitar o Chaco é fazer uma forte experiência missionária. As FMA cuidam de vilarejos inteiros, assegurando a assistência e o apoio às mulheres, às famílias, às crianças. Em Riacho Mosquito, não há uma comunidade FMA, mas algumas Irmãs que vivem em Puerto Casado (Puerto la Victoria), fazem o seu

trabalho pastoral com os indígenas Maskoy, nesse pequeno vilarejo.

Aqui há uma escola materna, que acolhe todas as crianças do vilarejo, dando a possibilidade às mães de fazerem qualquer trabalho. Brincam, aprendem alguma coisa e, sobretudo todos os dias lhes é servida uma refeição quente.

O trabalho das FMA consiste em colocar-se ao lado, escutar as necessidades desses povos, ajudá-los a tomar consciência dos seus direitos e a conservar a própria identidade cultural.

O acesso aos serviços educacionais e de saúde continua a ser um grave problema, assim como a falta de representação política das populações indígenas do Paraguai. Alguns Maskoy continuam a trabalhar com os grandes pecuaristas em condições precárias e sem garantias, outros sobrevivem praticando a caça, a pesca e a colheita, mas o acesso à terra é controlado pelos grandes latifundiários.

É o que nos relata Ejdio Martines Voron, da etnia Maskoy: « Faz tanto tempo que eu procuro trabalho,

mas para os indígenas é difícil, muito difícil. Nem todos confiam em nós. Fui buscar trabalho fora, e o encontrei a 400km de distância, em uma fazenda, mas tratava-se de um trabalho pesado e perigoso, devia ficar de guarda durante a noite... E, além disso, o salário era pouco. Todos os indígenas são mal pagos».

Em Porto Casado, as FMA, nestes últimos anos, apoiaram as populações indígenas na campanha de reivindicação de suas terras, saindo em passeata junto com eles por vários dias e conseguindo uma restituição parcial: apenas 30.000 hectares de terra, sobre os 600.000 conquistados pela seita Moon.

Em Porto Casado, as nossas Irmãs também se dedicam ao oratório, à catequese e às obras paroquiais. O trabalho com os jovens da cidade é, sobretudo formativo. Educa-se à fé e se promove o crescimento humano. Ajuda-se o jovem a tomar consciência do quanto eles mesmos podem fazer para o bem do próprio País.

Ir. Rosana Tomasella trabalhou no Chaco por 32 anos, é enfermeira e, durante os anos em que esteve em Porto Casado ensinou muitas pessoas do lugar a cuidar dos doentes.

Necessidades a serem satisfeitas

Aqui as Filhas de Maria Auxiliadora aprenderam a escutar quais são as necessidades a serem satisfeitas: a fome, a saúde, o direito à terra e às próprias coisas.

Ir. Rosana conta: « Senti-me bem no Chaco porque o povo é simples, generoso, tão generoso quanto o seu rio. Aprendi com eles muitas coisas,... E aprendi, sobretudo que é possível viver com simplicidade e que a felicidade não consiste em possuir muitas coisas, nem em ter muitas comodidades. As pessoas vivem do essencial, sabem gozar daquele pouco que têm e, o pouco que têm, sabem compartilhar com os outros. É um testemunho muito bonito que me ensinou a ser mais generosa ».

A outra comunidade FMA fica no Carmelo Peralta onde trabalha com os indígenas Ayorei. Uma FMA da comunidade leciona na escola deles, e um Ayoreo já se tornou professor. É exatamente este o objetivo perseguido pelas missionárias: tornar a gente do lugar protagonista do próprio futuro.

Aqui se percebe muito o sentido da família, que é do tipo patriarcal. Tudo é colocado em comum e a vida se desenvolve ao ar livre, diante das cabanas, que servem apenas quando chove. No Chaco Paraguai, os indígenas – em geral – tornam-se sedentários apenas com 50 anos e idade e não modificaram ainda os seus hábitos de vida.

São ainda fundamentalmente dedicados às colheitas e são também caçadores. Não concebem a vida de pecuarista ou de agricultor. Por isso cultivam apenas pequenas porções de terra – o que basta para

sobreviver – e vendem grande parte da colheita aos brancos.

Aqui em Carmelo Peralta, onde a presença indígena é minoritária, as mulheres são ajudadas a formar associações de trabalho a fim de colocar em comum o que produzem nas hortas e vender por um preço melhor.

Uma vida comunitária

Em Forte Olimpo trabalha-se com os Chamacoco, uma comunidade vivaz. Quando as Irmãs passam entre as suas habitações, todos saem para acolhê-las. As visitas são simples, feitas com informações sobre a luta cotidiana pela vida: os filhos, a saúde, o trabalho, as condições do tempo.

O povo tem pequenos cultivos de árvores frutíferas e alguém se atreveu também a uma criação de ovelhas.

No centro do vilarejo há uma capela circular, onde cada um se sente acolhido. A vida do vilarejo é “comunitária”. Para cada uma das pessoas, as FMA têm palavras de esperança e, também, de ajuda concreta.



Aqui todos têm o que fazer. Usam suas capacidades de artesãos para trançar chapéus, leques, cestinhos. As mulheres trabalham com a caraguatá, uma fibra extraída de uma planta com a qual fazem bolsas típicas, braceletes ou vassouras.

A fonte da vida

Há respeito pela natureza. Espera-se que ela seja benévola e dê frutos abundantes. Espera-se que o rio possa se tornar bom e fecundo, como um tempo, para se ter do que viver.

Ainda Ir. Rosana nos diz: « O rio é para esta gente a fonte da vida. É tudo. A água é a única possibilidade de vida que têm, por isso estabelecem-se sempre nas margens do rio. E, então, é generoso. Do rio recebem os peixe e outros recursos para viver. Para mim é algo muito grande. É um sinal da presença de Deus, que é constante em nossa vida, é permanente, é generoso e dá vida, uma vida que nunca acaba ». E repensando a vida missionária Ir. Rosana diz: «depois

de tantos anos aqui compreendi melhor o que quer dizer ser missionário. Eu acredito que o missionário deva ser um irmão que caminha com o irmão, procurando comunicar a riqueza da fé ».

Depois de visitado, o Chaco faz pensar que é a terra das três cores: o azul do céu e da água, o verde das imensas planícies, o vermelho da terra. O contato com

a natureza, com os seus ritmos, com as suas leis, ajuda o visitante a compreender que não se pode ter sempre tudo sob o controle. Que é preciso aprender também a abandonar-se aos eventos, a saber escutar as circunstâncias; a não ter sempre todas as respostas; a gerir a própria pequenez que se torna forte.

arcristaino@cgfma.org

dma comunicar:
informações, notícias e novidades
do mundo da mídia



Faz-se para dizer



Hospedar

Patrizia Bertagnini

Praticada como uma das mais antigas formas de virtude e fundamentada na obrigação à ajuda recíproca, a hospitalidade reclama a necessidade de abrir espaço para quem – temporariamente – pede para ficar conosco.

Para todo cristão, hospedar é uma ação que encontra sentido nas raízes da sua identidade; ele por primeiro, chamado a reconhecer-se no ícone do viajante forasteiro que foi Abraão, é por natureza um estrangeiro que somente pode viver se for acolhido por outros.

Assim como o patriarca, do qual aprende a obediência da fé, o cristão não pode deixar de pedir hospitalidade (a Deus) e de oferecer proximidade (aos irmãos), fazendo sua a atitude de Abraão junto aos Carvalhos de Mambré. Neste episódio estão

escondidas características típicas que devem ser cultivadas por quem quer fazer da hospitalidade a chave de uma existência devotada à comunicação e à evangelização autênticas.

Ao menos três delas podem ser levadas em consideração: não pedir informações gerais ao hóspede, acolhê-lo na própria casa, tratá-lo com generosidade.

Comunicar é hospedar

A primeira característica é a garantia de uma aproximação desinteressada de quem está à nossa frente; ela se projeta imediatamente para além da etnia, do grupo ou da rede social de pertença e evita a contaminação da acolhida com considerações de outro gênero.

A segunda permite superar aquelas teorias de comunicação que, mesmo falando de participação, de relação, de troca mútua, tendem a concentrar-se na capacidade do sujeito comunicador; abrir espaço ao outro significa permitir que o interlocutor se sinta em sua casa, corrigir a pressa excessiva e a falta de reflexão de certas dinâmicas comunicativas: para encontrá-lo, escutá-lo, compreendê-lo, tem-se necessidade de tempo, de calma, de silêncio.

A terceira, enfim, impele a tornar-se acessível, a aproximar-se, perdendo as defesas e as distâncias que frequentemente se estabelecem quando a comunicação é tendenciosa em promover-se a si mesmos; ser generosos quer dizer – neste sentido – dar ao outro o melhor de si e aceitar o diálogo com ele como uma oportunidade de produzir novos frutos.

Hospedar é evangelizar

A hospitalidade requer bem mais do que a simples permissão da existência do outro; ela não consiste na mera permissão de que o outro exista na sua alteridade e diversidade 'ao seu lado'. O ato de abrir espaço, permitindo o acesso à própria casa configura a mesma relação que Deus quer estabelecer com a humanidade em Jesus seu Filho, Aquele que *está à porta e bate*, entra em casa e se entretém somente lá onde há alguém que *escuta a sua voz e lhe abre* (cf Ap. 3, 20).

Assim, se o fato de se relacionar com Deus é, em primeiro lugar, acolhê-lo, abrir-lhe espaço, a mesma atitude é exigida também diante das outras pessoas, juntamente com a capacidade de reconhecer nelas, de certo modo, a divindade: acolher alguém é acolher Deus; não hospedar aquele que bate à porta (sobretudo se for pobre) equivale a rejeitar o próprio Deus, como lembra o Papa Francisco a toda a Igreja na *Evangelii Gaudium*.

O pobre, quando é amado, «é considerado de grande valor», e isto faz a diferença entre a autêntica opção pelos pobres e qualquer ideologia, qualquer tentativa de utilizar os pobres a serviço de interesses pessoais e políticos. Apenas a partir desta aproximação real e cordial podemos acompanhá-los de modo adequado no seu caminho de libertação. Somente isso tornará possível que « os pobres se sintam, em cada comunidade cristã, como “em sua casa”. Não seria este estilo, a maior e mais eficaz apresentação da boa nova do Reino?». Sem a opção preferencial pelos pobres, «o anúncio do Evangelho, que é apenas a primeira caridade, corre o risco de ser incompreendido ou de se afogar naquele mar de palavras a que a atual sociedade da comunicação cotidiana nos expõe». (EG, 199).

suorpa@gmail.com



Bablacar: uma hospitalidade que passa pela rede

Até mesmo a crise tem um mérito: o de haver tornado possível difundir-se a experiência da **sharing economy**. Alcançando o auge com o advento da recessão mundial, mais que uma necessidade tornou-se uma **escolha de vida**.

Basta uma aplicação sobre o próprio celular para encontrar uma alternativa que permite viajar,

deslocar-se, trabalhar, fazer aquisições gastando menos e abrindo-se aos outros.

Um setor que **tomou impulso em muitos países** e que parece destinado a permanecer.

O serviço mais conhecido é **Blablacar**, que já conta com oito milhões de inscritos em 12 países europeus; o conceito que está subjacente é elementar: quem deve fazer uma viagem de médio ou longo percurso pode registrar-se num site dedicado e procurar uma passagem para um viajante que percorre o

mesmo trajeto. Assim é possível reduzir até 75% das despesas e conter a poluição ambiental.

E, todavia o aspecto mais interessante do aumento rapidíssimo de tal prática parece ser não tanto a economia que daí deriva, quanto a possibilidade de novos conhecimentos e de oferecer (ou encontrar) uma hospedagem real que, quando necessário, poderá ser retribuída.



Uma vida a serviço dos últimos

Bernadette Sangma

A vida dos últimos, dos marginalizados, dos esquecidos e excluídos, como a dos leprosos nos relatos bíblicos, ainda hoje é realidade.

Em muitas partes do mundo existem as assim chamadas colônias dos leprosos onde eles vivem apartados do resto da população. Tal é a realidade de um leprosário na pequena cidade de Tura, entre as colinas dos Garo, do Estado de Meghalaya, Índia.

Foi criado por volta de 1950 e o que o separa do centro povoado é uma torrente que passa aos pés da colina e que se torna a linha de limite. Sobre esta colina estão espalhadas as casinhas de bambu e de madeira de aproximadamente oitenta famílias. E é neste lugar perdido e desconhecido, longe dos olhos do mundo, que a vida de Ir. Guadalupe Velasco se gasta.

Da Espanha para a Índia

Guadalupe Velasco nasceu em Villafranca – Navarra (Espanha) em 15 de fevereiro de 1924. Membro da Congregação das Missionárias de Cristo chegou como missionária ao norte da Índia em 1948 com apenas vinte e quatro anos de idade. Quem a conheceu então, diz que era uma jovem espontânea, vivaz e bonita, de olhos azuis. Dois anos depois da chegada aportou na terra que considerará a pátria do seu coração: Tura.

Aqui assumiu a assistência das jovens do internato. Enquanto as jovens vão para a escola, Ir. Guadalupe, junto com outras Irmãs da sua comunidade, percorre cotidianamente a distância de um quilômetro e meio, inicialmente a pé, sob a chuva torrencial ou o sol causticante para chegar ao leprosário.

Já se passaram sessenta e quatro anos desde que as Missionárias de Cristo começaram esta missão. Hoje o aspecto do leprosário está visivelmente transformado, a lepra já está erradicada e as suas vítimas ainda trazem a marca da doença pelo corpo. Em colaboração com alguns salesianos, a Congregação promoveu a educação dos filhos dos leprosos gerando uma efetiva transformação socioeconômica e cultural para as famílias.

Ir. Guadalupe completou noventa anos no dia 15 de fevereiro de 2014. Não obstante a idade e o desgaste

de uma vida dura numa zona altamente malárica, o seu espírito não sabe arrefecer.

Uma de suas coirmãs, Ir. Marline Pinto conta que, há alguns anos, quando Ir. Guadalupe esteve na Espanha por um período de tempo, descobriu que tinha um tumor na axila, mas não abriu a boca com ninguém por medo de que a segurassem na Espanha e não lhe permitissem mais voltar para a Índia.

Ao retornar fez um controle e foi submetida a uma intervenção na cidade de Shillong, a oito horas de distância de Tura. Mesmo aqui e quase restabelecida Ir. Guadalupe não sossegou enquanto não pôde voltar para Tura, sobretudo ao leprosário. Numa entrevista, falei com ela e apesar de sua idade afirmou: « Não deixarei o leprosário enquanto estiver respirando. Nele ficarei até a morte... Porque é minha casa ». São os últimos que ela considera como sua casa!.



Os três modos de chamá-la

São vários os nomes a ela atribuídos pelas pessoas que a conhecem. Chamam-na: “a apóstola dos leprosos”, “o anjo do leprosário”, “Madre Teresa de Tura”. Não são nomes dados por acaso; indicam com eloquência o seu autêntico testemunho de vida.

É “a apóstola” porque a sua vida é uma contínua proclamação do Evangelho dos pobres e dos deserdados. Não devia ser um fato natural para Ir. Guadalupe poder aproximar-se dos leprosos com a desenvoltura com que o faz agora. Falando dos inícios diz: « Eu ficava impressionada ao ver tantas pessoas com corpos feridos, desfigurados, mutilados. Fazíamos uso dos medicamentos e alimentos a nós fornecidos pelo governo para curá-los em corpo, alma e espírito ».

Ir. Guadalupe é reservada, não se consegue fazê-la falar muito de si mesma, mas olhando-a com um rosário na mão e com os lábios sussurrantes, percebe-se que o movente de sua tenaz escolha de ficar do lado dos últimos é a sua profunda união com Deus.

Consideram-na “o anjo do leprosário”: uma definição que corresponde bem até mesmo à sua aparência tão delicada quanto terna. Nos anos 90, em um dos seus giros cotidianos, medicava um senhor que tinha uma ferida enorme, lágrimas escorriam pelas suas faces, mas o homem não emitia sequer um som.

Sob a mão terna de Ir. Guadalupe conseguia sorrir mesmo entre as lágrimas que não conseguia conter, pela dor que sentia. As suas mãos suaves são capazes de suavizar os males mais agudos!

Outros alcunham Ir. Guadalupe de “Madre Teresa de Tura”: indicativo do seu radical abraço dos últimos, como Madre Teresa de Calcutá. A sua escolha não é apenas para estar com os últimos, mas também para considerar-se a última com e como eles. De fato, não se sente à vontade diante dos holofotes da mídia, prefere ficar escondida e desconhecida.

Aparece muito mais natural, em vez, quando abraça um dos seus pacientes ou se senta com eles na soleira da porta de suas cabanas.

Uma vida que inspira

Poder-se-ia sintetizar a vida de Ir. Guadalupe em três palavras: mulher, discípula e missionária. Uma mulher de todas as estações, que à idade de noventa anos vive a fecundidade feminina na sua doação incondicional.

Uma discípula cuja fidelidade não conhece as meias medidas, mas a radicalidade. Uma missionária que há mais de sessenta anos põe em prática as palavras do Papa Francisco: « Ocorre afirmar sem jogo de palavras que existe um vínculo inseparável entre a nossa fé e os pobres. Nunca os deixemos sozinhos » (EG, n. 48).

A vida de Ir. Guadalupe inspira e fascina porque nasce do transparente reflexo do Evangelho de Cristo. Percebamos que somente na medida em que nos deixamos atrair por tal fascínio somos capazes de ir em direção aos últimos, em direção aos ‘excluídos’ das nossas comunidades educativas.

sangmabs@gmail.com

Video



BELLE & SEBASTIEN de Nicolas Vanier – França, 2013

Mariolina Parentaler

Apresentado Fora da Competição na 8ª Edição do Festival Internacional do FILME de Roma na Sessão *Alice na cidade*, foi acolhido com o entusiasmo e os aplausos de um público numeroso.

A crítica proclamou: « É um encanto! Os seus destinatários? Todos, indistintamente: representa uma boa ocasião para reunir no cinema os pequenos e os grandes. É para ser aconselhado também nas escolas ».

E o box Office de verificação confirma: «Na França (mas não só!!!) arrecadou mais de 30 milhões de dólares e conquistou 2.6 milhões de espectadores».

Extraído do romance Best seller de Cécile Aubry o filme tem o ótimo Nicolas Vanier atrás da máquina, um diretor francês famoso há muitos anos porque empenhado em relatar com os seus documentários a relação entre o homem e a natureza, a intocável beleza das montanhas e a importância do respeito pelo ambiente. Inspirando-se na homônima série televisiva francesa nascida nos anos 60 e nos sucessivos desenhos animados que seguia com paixão desde criança, Vanier realiza esta ulterior produção adequada para crianças, mas tão densa de ética, de beleza e pureza a ponto de poder ser considerada um grande cinema para todos. «Um filme quente, que se vê com prazer e que tranquiliza com paixões fortes, perigos superados, impulsos edificantes».

Uma história de amizade que faz sonhar há cinquenta anos

Exatamente: 'Belle & Sébastien' inspirado nas célebres novelas de Aubry sobre a mais famosa história de amizade entre uma criança e um cão, chega à grande tela depois de quase 50 anos das séries TV francesa e pouco mais de trinta da série de Almas japonesas.

Com razão, portanto, a publicidade escreveu de modo mais cativante: «Agradará a quem era rapazinho nos anos Sessenta (entre os primeiros que já cresceram com os desenhos animados na TV) e aos filhos dos rapazinhos de então que gostarão de encontrar aqueles antigos personagens na mais inimaginável e rica versão cinematográfica». A sua beleza baseia-se num tríptico: o cão, o estupendo Belle, pastor dos Pirineus. Um menino, o pequeno órfão Sébastien interpretado de modo muito tocante pelo inesquecível Félix Bossuet de apenas 7 anos e meio – recém chegado e escolhido entre 2400 candidatos – que se revelou como um relâmpago. A montanha, a alta Maurienne, um vale francês soberbamente recuperado pela espetacular habilidade de Vanier, ligada à Itália pelo Colle do Moncenisio.

O evento se desenvolve durante a Segunda Guerra Mundial, na França ocupada pelos nazistas, e se entrelaça com a dos partidários empenhados em ajudar os hebreus em sua fuga pelas montanhas, a fim de alcançarem a Suíça.

Uma história na qual a sensibilidade de uma criança supera a agressividade dos grandes e intui a inocência de um belo cão branco perseguido injustamente, enquanto em torno ventos de guerra e ventos de neve, deportações e fuzis nazistas, competem nas montanhas do pequeno vilarejo alpino. Quase um conto de fadas, com a vítima de quatro patas e o herói de pernas curtas, do qual o mesmo diretor sintetiza o significado: « É a odisseia de um menino em busca de sua mãe, de um velho homem em busca do seu passado, de um teimoso em busca do amor, de uma jovem

mulher em busca de aventura e de um tenente alemão em busca de perdão. Esta é a história de Belle e Sébastien ».

Se existe um tema apreciado por Venier é exatamente a natureza, em toda a sua majestade e potência em relação com o homem: são uma só coisa. E aqui não faz outra coisa senão aprofundar a sua busca nesta direção, seja no grande, por meio das espetaculares tomadas de montanhas e geleiras que desafiam os pobres emigrantes a atravessá-los, seja no pequeno, com a simples história de uma profunda amizade entre um menino e um animal.

Filmes sobre o relacionamento homem-cão já se produziram, são um clássico do cinema e da TV – basta pensar em Lassie ou em Rin-Tin-Tin – mas quase sempre se trata de obras que desafiam as cordas do sentimento.

Neste trabalho, comenta Agis Scuola, é reconhecida a capacidade de dosar os estereótipos do gênero sem abusar deles: não impele jamais a arrancar lágrimas e sabe fazer emergir um quadro de grande autenticidade precisamente graças ao talento do diretor e ao rosto do pequeno Félix Bossuet, que interpreta Sébastien.

No fundo entrelaçam-se grandes temas como a responsabilidade moral contraposta às leis, o respeito pela sacralidade da natureza e a busca da verdade sob a aparência de homens e coisas. E também o quadro da fuga entre as montanhas e do avô que esconde ao menino a morte da mãe, são observados com os olhos emocionados, sonhadores, corajosos e um pouco espantados do rapazinho que maravilhosamente “cresce rápido!”. Educativo e ambientalista, é vivamente aconselhado às famílias e na escola.

m.parenteles@fmailia.it

PARA FAZER PENSAR

A ideia do filme

Repetir. Não parar de redizer em novas edições criativas, a mensagem perene da beleza, do poder da inocência e da amizade em todo tempo.

O diretor, cantor das montanhas por meio de espetáculos, romances e documentários, aceitou a tarefa de revisitar esta história tramando com poesia os movimentos do cão e do menino, girando as tomadas em três épocas diferentes e ambientando tudo no coração de uma época disputada. Fiel ao reportar os personagens da saga original (além do cão e do menino voltam o avô adotivo, o pastor Cesar, a “tia” Angellina, o médico do lugar Guillaume) alcança-nos, porém, uma dimensão nova e forte: a ocupação nazista do vilarejo francês, com a busca de rifles por quem se arrisca a ajudar a passagem dos hebreus pela Suíça.

A variação é apreciada pelo próprio filho de Cecile Aubry (morto em 2010) Mehdi El Glaoui que na série dos anos 60 interpretava Felix e no filme de hoje tem um pequeno papel na figura do pastor André. « A transposição da história durante a Segunda guerra mundial agradou-me muito porque acrescenta uma dimensão humana e dramática ao relato – explica – é evidente que hoje não se contam mais histórias como se fazia nos anos 60. Para envolver e

interessar era necessário robustecer a intriga relatando alguma coisa forte ».

O sonho do filme

Fazer “aerosol” de ar bom, material e moral, fazendo-nos perpassar pela beleza das paisagens alpinas e pela paisagem de uma história de amor, de coragem e solidariedade.

Vannier declarou querer celebrar com este filme a própria infância, mas também o seu amor pelas crianças e animais bem como pela natureza. Triunfou na imprensa, comovendo uma sala de adultos e crianças. Qual o segredo? A simplicidade com que são colocadas em cena as emoções, os sentimentos, as aventuras e os conflitos interiores do pequeno protagonista. E é realmente difícil dizer se é mais

irresistível Sébastien com o seu rostinho doce e desenvolto ou o cão Belle que na sala arranca suspiros de ternura e aplausos das crianças.

Mesmo se a amizade que os torna inseparáveis chama em causa o pesadelo da segunda guerra mundial e a fuga dos hebreus para a Suíça «o conjunto emocional reside propriamente em um sentido autêntico da aventura e da natureza, mentalmente e visualmente estranhos à imaginação contemporânea colonizada pela fixação científica e pelo fantasyhi-tech». Por isso, na linha das convicções do diretor, auguramo-nos também nós como educadores que – simbolicamente – esta obra marque o retorno de um cinema para a infância *live-action*, ou seja, a partir do vivo, do verdadeiro, exatamente porque toda a imaginação infantil parece já estar entregue à animação digital.

O livro



Markus Zusak

A história de uma ladra de livros

Anna Rita Cristaino

O romance de Markus Zusak é uma daquelas histórias que permanece por longo tempo no coração. Nas primeiras páginas pode desconcertar um pouco descobrir que a voz que narra é a morte, mas talvez seja a única “testemunha” verdadeira e neutra de um período histórico atroz.

O romance é ambientado em Molching, perto de Munique, em uma estrada, a Himmel-Strasse, onde Himmel significa paraíso.

É uma pequena história no entrelaçamento daquilo que foi a Grande História feita pelos poderosos, mas é uma história grande porque traz à luz fragmentos de uma ordem rica de humanidade sincera, franca e simples.

Os protagonistas desta história são: uma menina, Liesel, às portas da adolescência, os homens e as mulheres que povoarão a sua vida e as palavras que compõem os livros que ela roubará.

Se a voz que narra é a morte, a primeira cena relatada é a da primeira perda à qual Liesel foi obrigada a assistir.

Está sobre um trem, em uma fria manhã, e seu irmão menor passa do sono à morte com um acesso de tosse. Aquele acontecimento doloroso se transformará em um pesadelo que lhe fará companhia por longo tempo, mas será também o início de algo que a fará ganhar a fama de ser uma “ladra de livros”.

Sim, porque o primeiro a ser roubado é o livro de um adolescente que está enterrando o seu irmão em um cemitério coberto de neve, em um lugar desconhecido e distante. Este livro será a única coisa que lhe dará conforto e que a fará sentir-se ainda ligada ao seu irmãozinho e à sua mãe.

Liesel tem 10 anos quando a história se inicia. A Alemanha está sofrendo com a propaganda Nazista e Hitler começa a eliminar aqueles que não a compartilham. O pai de Liesel era comunista e por isso foi eliminado e ela nem se lembra mais dele. A mãe está continuamente ameaçada e é obrigada a dar seus filhos em adoção. Fazem uma viagem para Munique e Liesel, depois de haver assistido ao sepultamento do irmão sofre com a separação da mãe. A menina é levada para uma nova casa. Terá um outro pai e uma outra mãe.

A chegada é sofrida. Ela leva consigo apenas uma valise e um livro recentemente roubado. A sua nova mãe tem modos bruscos, é uma mulher que não faz cerimônia, que muitas vezes pragueja, mas que logo deixa entrever que é uma mulher rica de humanidade. O seu novo pai sabe como fazer com a pequena. É ele que a escuta gritar quando tem pesadelos, que se senta ao seu lado enquanto não dorme, que descobre o segredo da ladra de livros, e que decide, naquelas longas noites de insônia, ensiná-la a ler.

Eventos dramáticos

A nova mãe, Rosa, lava e passa para as famílias mais ricas da cidade. O novo pai, Hans, é um bom pintor. E é exatamente usando a tinta que ensina palavras novas à sua menina.

O relato dos eventos de Liesel se entrelaça com os eventos mais dramáticos da II Guerra mundial, todos digitalizados de livros roubados, escritos ou ganhos de presente.

É narrada a história de uma amizade profunda, transparente e leal entre Liesel e Rudy, o menino loiro, de cabelos da cor dos limões, pronto a qualquer coisa para “vencer” todo o mal que era obrigado a assistir. Juntos compartilhavam as tardes jogando futebol, juntos aprendiam a roubar pela fome, os dois lutam e salvam suas vidas mutuamente.

Depois há a história de Max, o pugilista hebreu que será hóspede na casa, e que verá o pai e a mãe empenhados em uma obra de solidariedade e coragem, apenas impulsionados por um sentimento de justiça e de respeito pela dignidade humana.

Uma estratégia

A história do pai, que não consegue inscrever-se no partido nazista, que pela sua grande humanidade - que transparece dos seus olhos de prata, fica em apuros, mas é um homem que mantém as promessas e que poupou várias vezes sua vida, porque a sua missão era a de presentear tocando música com o seu acordeão.

A história de Rosa, que pragueja, que entrega a sua roupa lavada e passada, que tem palavras ofensivas

para com todos, pronta a usar a sua colher de madeira se a pequena de mete em algum problema, mas que é capaz de gestos ternos e de passar a noite inteira abraçada ao acordeão do marido quando ele é chamado pelo exército.

A história da mulher do síndico, dos seus silêncios, da sua biblioteca cheia de livros e da janela que deixa sempre aberta para permitir à menina roubar algum livro.

Liesel aprende a ler e a escrever e se tornará a “agitadora de palavras”.

Quando a guerra chega à Himmel-strasse e as sirenes avisam que é tempo de recolher-se nos refúgios, a família de Liesel encontra-se toda reunida em um dos porões dos vizinhos. Mas o tempo ali não passa, as crianças começam a ficar impacientes e a chorar. Então toca a Liesel achar uma estratégia. Começa a ler um dos livros que traz sempre consigo durante aquelas fugas. Todos a escutam e por um breve tempo todos se distraem com aquilo que está acontecendo fora, na rua.

O romance relata uma história que evidencia o quanto a força da humanidade é mais forte do que todo o mal que tenciona derrotá-la. Como quando Max o hebreu diz à pequena ladra de livros: “Gostaria que tudo isso terminasse, mas em seguida você desce ao porão com um boneco de neve nas mãos”.

Relatado pela Morte – curiosa, amável, participante, tagarela – “A história de uma ladra de livros” é também um romance sobre o poder das palavras e sobre a capacidade dos livros de nutrir o espírito.

Música e Teatro



Teatro educativo e tradição salesiana

Pela Redação

O teatro é um ótimo meio para falar aos adolescentes e aos jovens, e é um instrumento interessante para uma “autorreflexão” e uma “retomada do caminho”.

Para quem usa o teatro como instrumento educativo, as representações teatrais são apenas a ponta de um

iceberg, a parte mais visível, que causa maior impacto. Mas a parte mais importante é aquela que está por trás que, frequentemente, é um trabalho de laboratório, um percurso educativo que leva os “atores” que vão entrar em cena não apenas a interpretar os seus papéis, mas a falar de si, da sua vivência, do esforço de viver, do desejo de encontrar um sentido profundo ao que acontece ao seu redor e dentro deles.

Dois bons motivos

Há pelo menos dois bons motivos para escolher educar com o teatro: no teatro trabalha-se com as emoções e com a capacidade de entrar em comunicação consigo mesmo e com os outros; o teatro é utilizável a cada idade e em cada ambiente educativo.

O teatro e a educação são duas realidades que possuem finalidades comuns: de um lado a pedagogia põe no centro da ação educativa a pessoa com todas as suas potencialidades a serem desenvolvidas; do outro o teatro persegue o mesmo objetivo por meio das atividades que estimulam o desenvolvimento da criatividade e a comunicação.

O teatro é um eficaz meio de educação pelo fato de envolver o indivíduo inteiro, com o seu físico e a sua corporeidade, com os seus sentimentos e o seu pensamento, mas também com a sua profunda humanidade, com a sua consciência dos valores, com a sua mais imediata e espontânea sociabilidade.

A educação ao teatro leva o sujeito a formar-se por meio da experiência pessoal e a descoberta de si, das próprias possibilidades e dos próprios limites, com a finalidade de expressar-se e de se comunicar.

É necessária, portanto, uma consciência global do próprio corpo: em nível motor, dos próprios meios de movimento; em nível afetivo, das modalidades de expressão dos sentimentos.

O teatro encontra-se com a educação no momento em que põe no centro o homem e a mulher e lhes dá voz, no momento em que recupera cada indivíduo com a própria personalidade e a própria maneira de se expressar e o faz crescer por meio de um percurso individual que está, porém, inserido em um desígnio de grupo.

Um dos princípios fundamentais desta teoria é a formação do ator-pessoa; o objetivo principal é o desenvolvimento da criatividade e da fantasia mediante um trabalho conduzido, com bases científicas, pelo ator-pessoa sobre si mesmo, por meio da metodologia de laboratório, portanto da busca. A atividade teatral torna-se um processo educativo no momento em que implica um trabalho do sujeito sobre si mesmo, que o leva à descoberta do próprio ser pessoa humana.

A educação à atividade teatral desenvolve o processo em um laboratório onde é encorajada a busca pessoal. À base da metodologia utilizada no laboratório há comportamentos que favorecem esta busca: evitar a assunção de atitudes padrão faz o indivíduo descobrir suas capacidades, abster-se de expressar avaliações, acolher cada ponto de vista, valorizar todas as

linguagens, modificar a tendência à passividade, evitar todo processo imitativo.

Teatro educativo salesiano

A experiência teatral acontece na relação; é uma ocasião para a conquista de si, mas também espaço de construção de relações significativas destinadas a reforçar a identidade do grupo, a estimular o conhecimento recíproco, a partilha, a cooperação, a valorização da heterogeneidade; é um percurso individual em um trabalho de grupo.

Dom Bosco já havia intuído a força educativa do teatro.

A experiência tipicamente salesiana do teatro educativo é popular. A intenção é a de celebrar a vida, de representar a vida. Partir da vida (em particular a que vivem os jovens) e depois da experiência de ser colocado em cena, voltar à vida com um sonho a mais, uma esperança a mais, uma oportunidade a mais.

É um teatro feito por jovens para os jovens. O teatro educativo vê como protagonistas os jovens que se tornam artífices da sua educação e crescimento e não desfrutadores passivos. Dirige-se aos jovens para que junto com os outros compartilhem, façam comunidade. Crescem colocando-se a serviço dos outros.



Além disso, o grupo juvenil é o lugar por excelência da educação e do crescimento dos jovens. No grupo educativo não há protagonistas absolutos que venham à tona pelas coisas que sabem fazer, mas no centro permanece a pessoa e o seu valor, e as pessoas que são chamadas a assumir um papel em uma cena não são escolhidas pelo que sabem fazer, mas em função do objetivo educativo a ser alcançado por aquela pessoa ou ao menos fazendo interagir as duas instâncias.

Sendo protagonistas os jovens escolhem para si todas aquelas artes e formas expressivas próximas da linguagem juvenil “amai o que amam os jovens para que eles amem aquilo que vós amais” (Dom Bosco).



Conselhos Grátis

É coisa inegável que nós Irmãs nascemos com uma bagagem de virtudes respeitável. O Espírito Santo nos enche com suas riquezas e entre elas sobressai o 'conselho', ou a atitude enraizada de dispensar sugestões à direita e à esquerda, *oportunas* e *inoportunas*, como recomenda São Paulo.

Pensando bem, oferecer a contribuição dos nossos preciosos conselhos é uma verdadeira e autêntica arte, que é cultivada de modo pontual para evitar ser confundida com intromissões vulgares, e até mesmo com fofocas calejadas.

Por isso pensei em fazer uma coisa agradável a muitas oferecendo um pequeno *vademecum* da boa conselheira, assim, precisamente para não esquecermos os nossos bons e sábios hábitos.

Regra n. 1: é recomendável estudar atentamente todas as circunstâncias, colher informações, manter-se atualizadas sobre todas as novidades em circulação, aprofundar discretamente a vida, as atividades, os problemas, as aspirações das pessoas, caso contrário corre-se o risco de postar informações erradas quando nós, em vez, gozamos de muita estima pela precisão das nossas investigações.

Regra n. 2: é oportuno dedicar muito tempo (também a custo de sacrificar o que ocupamos com as nossas habituais incumbências...) à reflexão sobre os dados que colhemos, na tentativa paciente de obter soluções, e, até mesmo, ao voo livre da fantasia necessário para esboçar todos os cenários possíveis e se for o caso

delinear propostas a serem concedidas como perspectivas iluminadas e iluminadoras.

Regra n. 3: é necessário aproximar-nos da pessoa, à qual queremos dar a nossa opinião, com uma certa prudência, demonstrando respeito pela sua experiência, convencendo-a de que se ousamos dizer uma palavra a seu favor é somente para o seu bem, para que possa gozar de um apoio desinteressado; este momento deve ser preparado nos detalhes, para evitar que, em quem tem necessidade de nós (porque evidentemente o nosso falar é ditado por um ato de pura caridade cristã...) surja a dúvida de que temos uma dupla finalidade ou que nos expomos por presunção ou vaidade.

Regra n. 4: é indispensável, quando decidimos fazer dom do nosso precioso ponto de vista sobre as coisas e sobre as pessoas, falar baixo, usar expressões calmas e gestos amigáveis, para reforçar no destinatário da nossa intervenção a convicção de que, partindo de nós, não lhe pode chegar senão um benefício.

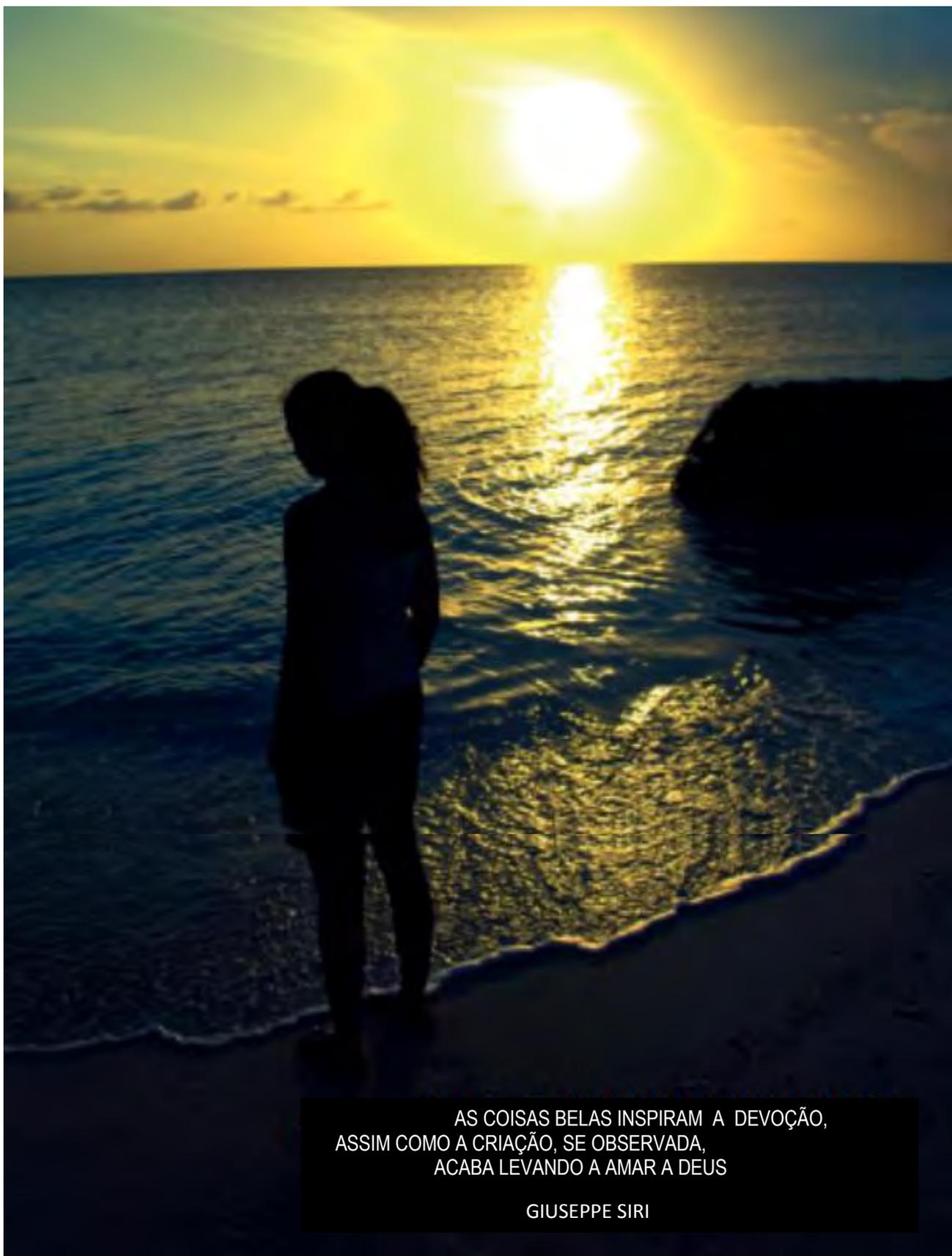
É isso mesmo, caras amigas, às vezes basta pouco para retribuir um sorriso; e se depois do empenho escrupuloso não chegam os resultados esperados... bem, o que dizer?! ... talvez seja o Espírito que cometeu um erro!

Palavra de C.



No próximo número

DOSSIÊ:	Palavras e gestos de esperança
CULTURA ECOLÓGICA	Um futuro a ser construído
FIO DE ARIADNE:	A resiliência
PASTORALMENTE:	Fora do recinto por uma fé que faça viver
FAZ-SE PARA DIZER:	Participar



AS COISAS BELAS INSPIRAM A DEVOÇÃO,
ASSIM COMO A CRIAÇÃO, SE OBSERVADA,
ACABA LEVANDO A AMAR A DEUS

GIUSEPPE SIRI